

# letramiúda

Para quem gosta de ler nas entrelinhas - número 3 - abril 2024

Ilustração: Fer Rodrigues

03



sobre  
tudo

nota das  
editoras

# Vem pra **nossa roda!**

A Letra Miúda é a nossa roda. Aqui a gente dá as mãos e celebra universos inteiros de possibilidades que criamos em narrativas textuais e visuais. Nossa terceira edição está especial e traz como matéria principal as reivindicações dos mais de 100 artistas que lançaram a campanha Ilustradores são Autores, na tentativa de lembrar o óbvio: quando o assunto é o livro ilustrado, os autores de texto e de imagens devem receber o mesmo reconhecimento.

Dando mais linha para essa prosa, Suelen Viana nos leva para pensar sobre o poder da imagem na literatura ilustrada e Cristina Ferreira nos convoca para um papo sobre a mediação de livros-imagem. Ainda falando em ilustração, contamos com quatro colaborações mais que especiais: Elê Nogueira (@poesiacoladacomigo), Fernanda Rodrigues (@ferilustra), Janaína Esmeraldo (@cabelonuvem) e Luana Baroni de Barros (@baroni\_luana) nos honram com suas cores e talento para ilustrar algumas de nossas páginas. É suspiro atrás de suspiro!

No mais, a gente te instiga a entrar na roda e se encher de energia boa. Assim como a vida, nossas páginas misturam papo sério com crônicas que são verdadeiros convites para conversas e (an)danças. E, além de indicações de leituras imperdíveis e de projetos que você não pode deixar de conhecer, tem ainda a seção Prosa e Verso, nosso espaço dedicado aos textos literários. Neste número, você vai encontrar contos, poesias e até cordel escritos por autoras da casa e convidados.

Enfim, esta é mais uma edição feita com todo capricho pra você ler e compartilhar e, assim, nos ajudar nessa missão bonita que é espalhar literatura por aí.



*Nos conhecemos (virtualmente!) há poucos anos, mas nos descobrimos irmãs de outras vidas. Somos defensoras entusiasmadas da diversidade em todos os aspectos da existência, apesar de quase sempre nossas opiniões serem bem parecidas. Compartilhamos o amor pela Literatura, a editoria desta revista e o sonho de um dia cruzarmos um oceano para, finalmente, nos abraçarmos pessoalmente.*

**Fernanda Baroni e Natália Fonseca**



# sumário

## 06 Ilustradores são autores

Natália Fonseca visita o manifesto de um grupo de ilustradores que reforça, com relatos, estudos e reflexões, o que nem deveria mais estar em discussão: nos livros ilustrados, ilustradores são autores.

### Prosa e verso

**10** Memórias de uma solidão imposta, da alegria interrompida e do adeus antecipado se misturam a um suave perfume de rosas no conto emocionante conto de Fernanda Baroni, ilustrado por Luana Baroni de Barros.

**18** Numa poesia intimista e uma ilustração deslumbrante, Fer Rodrigues nos lembra que às vezes é preciso renascer para descobrir que somos o nosso destino.

## 12 Pra seguir em frente é preciso olhar para trás

Nanda Guimarães te convida a fazer um balanço gentil: olhe-se no espelho, olhe no retrovisor e olhe pra frente. Em cada escolha, acertada ou equivocada, em cada trajeto, em cada detalhe, está a vida. Viva!

## 14 Eufemismos

Jogando luz em fatos do passado, intercalando grandes acontecimentos e reflexões cotidianas, Verena Alberti nos lembra que nossa democracia continua ameaçada e que ditadura não é boa pra ninguém.

## 16 Leituras e viagens

A leitura é uma deliciosa viagem. Disso sabemos. O que Viviane Lucas vem nos dizer é que cada viagem também é uma deliciosa leitura. Entre passeios e livros, a possibilidade de decifrar novos códigos, observar personagens e cenários e no final, sempre, expandir os horizontes.

## 20 Pode entrar, a casa é nossa

Uma Casa Editorial chamada Macondo é garantia de causar um sorriso logo de cara. Bárbara Anaissi conta a jornada e a transformação desse espaço que hoje é lugar de livros, afeto, autores, crianças, pedagogia e Literatura.

## 22 O que pode a imagem na literatura ilustrada?

Nossas experiências de vida, memórias imagéticas, sensoriais e sonoras como leitura do mundo e da vida. Esse é o ponto de partida de Suelen Viana para, em seu texto cheio de referências, nos dizer do poder e do impacto das imagens na Literatura ilustrada.

### Prosa e verso

**25** Quantas mulheres cabem nessa poesia de Girlene Bulhões? Com palavras precisas e cortantes, a poetisa nos apresenta a força do feminino, mesmo quando sentenciado ao silêncio.

**42** Em sua poesia de cordel, com ilustrações de Elê Nogueira, Erica Montenegro de Mélo apresenta toda a energia das crianças e a potência do brincar.

## 26 A economia do cuidado

Ouvir falar em economia do cuidado pode ser um choque para os desatentos que parecem ainda nem enxergar como trabalho a função reprodutiva e de cuidado que gira o mundo. Com dados (e com Literatura), Graziela Honorato nos apresenta o fenômeno e nos convida a fazer diferente.

## 28 O futuro é ancestral

O texto de Dayane Teixeira, ilustrado por Janaína Esmeraldo, nos mostra que novos caminhos para a educação e para a humanidade precisam ser buscados olhando para nossos antigos e o legado deixado por eles. Precisamos entender os efeitos e desdobramentos causados pela colonização e nos cercar de referências ancestrais.

### Catavento: diários e imensidões

**31** Leila Fernanda Arruda e Raquel Cesário abrem seus diários, cheios de detalhes e delicadezas. Leila nos conta de seus dias, do que viu, ouviu e sentiu na sua primeira passagem pela Festa Literária Internacional de Paraty.

**38** E Raquel nos confia como a maternidade abriu mais um portal na sua vida. Escritora ela já era. E é. E será. Sua filha, suas palavras e seus livros mudaram seu mundo e é assim que ela espera mudar também o mundo que a cerca.

## 32 O exercício da (não) escrita

Como conseguir inspiração para escrever um texto genial? – Google: pesquisar. Com leveza e bom humor, Erica Rabbeljee mostra que as palavras, essas geniosas, às vezes só fazem o que querem. Melhor não contrariar!

## 34 Prosa e Verso

Cacá Silveira, Diogo Tadeu, Laura Vasques, Fabrício Gomes, Maíra Ramos, Paula Campos, Pollianna Freire e Raquel Castro nos provam o poder de escrever pouco e falar tudo. Já ouvir falar em microliteratura? Nossos convidados esbanjam talento em prosa e verso.

## 40 É preciso ver para ler

Mas como é que faz pra ler um livro sem palavras? Cristina Ferreira conhece bem essa pergunta e responde: pode haver bem mais do que palavras em uma narrativa. Há cor, forma, movimento... para ler, é preciso ver.

## 44 Portal de Histórias

Ana Luísa Lacombe nos apresenta o Portal das Histórias: nascido durante a pandemia, o espaço digital começou a partir de um desejo de se criar uma comunidade dedicada a reflexões sobre o tempo presente e, principalmente, à arte de contar histórias.

## 46 É nos detalhes que mora o amor

Um abraço em forma de crônica. Fernanda Godinho nos dá aquele lembrete essencial para trocar as lentes que usamos pra olhar o mundo ao nosso redor. Para lembrar que a beleza está nas nuances e que é nos detalhes que mora o amor!



# Ilustradores são autores

## Acender um fósforo no escuro. Iluminar ou Incendiar?

A palavra Ilustração vem do latim "illustro" que quer dizer alumiar, dar luz, tornar claro, tornar evidente, explicar, tornar brilhante. As iluminuras dos livros medievais eram feitas pelos "iluminadores" e nada mais eram que imagens que serviam para adornar, decorar ou "abrir" o texto com suas famosas letras capitulares. Um salto na história e as ilustrações ganham novos sentidos e novos suportes, assim como quem as produz. Hoje ilustradores são autores e contam e transformam histórias por meio da imagem.

## Coletivo Ilustradores são Autores



## O livro ilustrado se faz com duas linguagens artísticas

Em 2021, Sagatrisuinorama ganhou o prêmio Jabuti de melhor livro. Um livro ilustrado. Os dois autores celebrados e vitoriosos. João Luiz Guimarães, que escreveu, e Nelson Cruz, que ilustrou.

Se você se interessa pelo menos um pouco por Literatura Infantil, certamente comemorou. Foi uma alegria e despertou uma fagulha de esperança de que essa forma tão única e apaixonante de contar histórias, costurando palavras e imagens, fosse finalmente receber o reconhecimento e atenção que merece.

Como foi que saímos desse momento para, em 2023, quem ilustra não ter sua autoria reconhecida, junto com quem escreve, na categoria de melhor livro infantil do mesmo prêmio? (E não vamos nem falar no constrangimento de uma das indicações de melhor capa ter sido criada por IA.)

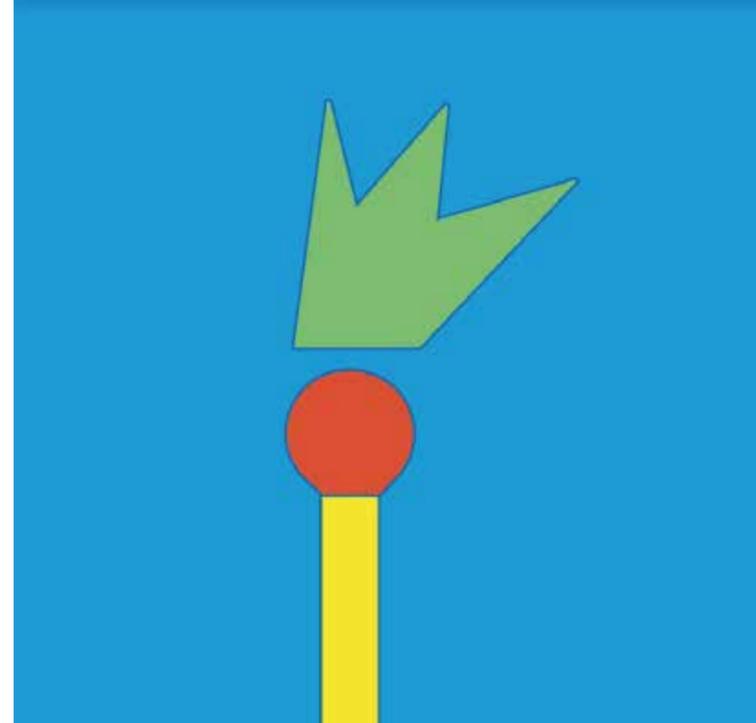
A reação não demorou. Um grupo formado por mais de 100 ilustradores se mobilizou criando a campanha "Ilustradores são Autores" na tentativa de, mais uma vez, lembrar que o livro ilustrado se faz com as duas linguagens artísticas - escrita e visual - e que o justo é que os dois profissionais sejam reconhecidos como autores. O tema é tão prático quanto filosófico, envolve discussões sobre o fazer artístico, sobre visibilidade, sobre questões legais e sobre pagamento de direitos autorais.

Como forma de se posicionarem, em novembro passado, os ilustradores divulgaram uma carta aberta em que reforçam a necessidade de reconhecimento de que não deve existir hierarquia entre os autores de texto e de imagens no livro ilustrado.

Aqui na Letra Miúda nós compactuamos com o movimento e ecoamos que "palavras e imagens podem se relacionar de diversas formas para contar juntas uma história e que, além da correta nomenclatura desses dois ofícios (autor do texto e autor das imagens), é preciso equilibrar o grau de importância na criação do livro, inclusive nas etapas posteriores: divulgação, catalogação e circulação da obra."

Finalista do Hans Christian Andersen Awards 2024 (além de vencedor do Jabuti de melhor livro em 2021), Nelson Cruz (@ncnelsoncruz) é um dos membros do coletivo e fala sobre como a lei o ajudou a entender e defender sua autoria: "A lei (9610) me esclareceu que, se o livro tem somente texto, ele é do escritor; se o livro tem somente ilustrações, ele é do ilustrador. Mas, se o livro tem texto e ilustrações, ele tem dois autores. Ocorre que o autor das ilustrações tem uma questão cultural pra reverter que exige tempo, paciência e diplomacia gerencial, que é o conservadorismo do mercado ter apenas o escritor como autor. É nesse ponto que, mesmo tendo falhas, a lei deve ser nosso apoio de movimentação e suporte de argumentação."

Idealizadora do grupo, a ilustradora baiana Mariamma (@ammailustra) ressalta que o coletivo é um espaço de diálogo. "Relatos sobre editoras que não pagam cessão de imagem, que não convidam o ilustrador para o lançamento, por exemplo, são frequentes no grupo. É urgente que o público leitor e os demais interessados no livro e na leitura saibam que ilustradores são autores."



**A campanha segue firme e ganhando visibilidade no mundo físico e no digital. Para apoiar e ficar por dentro, vale seguir o perfil @ilustradoressaoautores. A página é ponto de concentração dos debates e um mural para releituras que diversos artistas têm feito do símbolo original criado para o movimento – um fósforo aceso para iluminar e incendiar conversas sobre o tema.**

**A autoria da logo do movimento é de Vitor Rocha (@vitorrochae), Isa Santos (@isabelasantosart) e Suzanne Lopes (@movimento1989). Em seu rastro, dezenas de outros ilustradores, que você viu na página anterior, vêm reacendendo a chama. Cabe a nós, profissionais do livro e comunidade leitora, não deixar o assunto apagar.**

### Conheça os autores das ilustrações da página anterior:

- (1) @andreoliveira1989
- (2) @marailustra
- (3) @foiojonas
- (4) @kuyillustra
- (5) @schiavon.pauladanilewicz
- (6) @fran.matsumoto
- (7) @gabriela\_gil\_
- (8) @flavia\_bom\_fim
- (9) @elcerdo
- (10) @tpradomacedo
- (11) @lucisacoleira
- (12) @yashassegawa
- (13) @falta nome
- (14) @sandrabeatrizlavandeira
- (15) @mairachiodi
- (16) @franklin\_stein\_
- (17) @ammailustra
- (18) @paula\_kranz
- (19) @raquel\_matsushita
- (20) @alanilustradora
- (21) @fe.monteiro\_art
- (22) @agatha\_kretli
- (23) @garatujasdamarilia
- (24) @endriugilbert
- (25) @felipe.frcampos
- (26) @rabiscofia
- (27) @imaginosaemente
- (28) @\_leticiagraciono\_
- (29) @claragavilanilustradora
- (30) @alecillustra
- (31) @vanessaprezoto
- (32) @gafa.rte
- (33) @brunalubambo



### Natália Fonseca - Colaborou Fernanda Baroni

*Sou a que sempre se sentiu em casa entre os livros. A que hoje é tradutora, mãe, imigrante, bebedora de café. A que fala de livros e infâncias no perfil @oquelemoshoje. A que resolveu ouvir a criança que foi e se dizer escritora, que escreveu Alto até o céu (Ed. Saira), participou da antologia Quantas portas cabem numa porta? (Ed. Casa do Lobo). A que não consegue acreditar na sorte de editar essa revista com a Fernanda Baroni. A que ainda faz da Literatura sua casa.*

# Anos roubados

*mu*ito do que  
*temos a dizer*

O sol quente não aparecia mais. Mesmo nas manhãs azuis, de temperaturas altas, dentro de casa era sempre sombrio e gelado. Rosa perdeu todo o seu perfume. Nos dias que vieram depois do Pior-dia-da-vida ela era apenas mais uma flor, como outras tantas que murcham quando lhe tiram o chão.

O coração economizava tictacs. O ar era sempre pesado. Pra não faltar, ela acordava, mas não saía. Levantava, mas não dançava. Comia, só quando doía.

Dentro, o tempo era mais lento que o do relógio. Alguns meses haviam passado desde que o sol se fora, mas, para Rosa, a lembrança do último raio parecia ter sido há dez anos-luz. O cinza que a tomava descoloriu tudo por fora.

Ve

- Tem prova hoje?
- Não. Só aula.
- Aula precisada ou aula chata?
- Chata! Muito chata!
- Quer ver o pôr-do-sol na praia?
- Te amo!!!!

Outros, chorava ao achar um bilhete perdido na gaveta das bagunças.

*Minha Frózinha,*

*Passei no seu quarto, mas não quis te acordar.*

*Dormia tão linda...*

*Hoje volto tarde, vou ver a tia.*

*Vê se come direito. É branca a porta.*

*Beijo, Mamis*

Rosa sempre dizia que tinha sorte de ter uma mãe tão Mãe, mas a sorte acabou rápido demais.

- *Você precisa ir ver o médico pra saber o que está acontecendo, mamis. Já já você está de volta.*

Depois de alguns dias, com o pequeno corpo já inchado, a mãe aceitou ir.

Uma dor, uns exames, um hospital, nenhum adeus.

O luto se estendeu doído. Num tempo que ninguém imaginou existir, em que o isolamento virou tem-que-ser, faltou colo pra Rosa. Um vírus tomou conta do mundo e as ruas ficaram vazias como seu coração.

Dentro de casa, cada parede guardava lembrança. Cada objeto, uma dor.

Depois de muitas noites sem sono, Rosa dormiu tranquila e sonhou com um campo cheio de flores, muitas cores, tantos perfumes... lembrou da mãe dizendo que ia morrer com 93 anos, sentada no jardim, entre canteiros, borboletas e beija-flores.

Não tinha sido assim. O câncer lhe roubou vinte e três dos anos programados. No jardim que via de olhos abertos, nenhum beija-flor para confortar a Rosa murcha de saudade.



Texto: **Fernanda Baroni**

Sou jornalista de profissão, mas a relação com a literatura é um amor antigo, que alimento, de letra em letra, desde menina. Em 2022, publiquei contos nas antologias "Quantas portas cabem numa porta?" (Ed. Casa do Lobo), "O vendedor de sofás" (Ed. Ipê Amarelo) e "Entre caveiras, lupas e sôtãos" (Selo Off Flip) e lancei o perfil literário @nanacontos\_ para compartilhar minha paixão por minicontos. Participo também do @coletivoescriventes e, ao lado da Natália Fonseca, estou realizando o sonho de editar essa revista, que há muito tempo mora em mim.



Ilustração: **Luana Baroni de Barros**

Sou de tudo, um pouco. Absorvi a arte dos meus pais e da casa colorida que eles criaram pra minha irmã e eu crescermos, com música que sempre tocou alta e comida boa na mesa, nas tardes dos domingos. Gosto de cuidar dos outros, seja fazendo um prato delicioso, escrevendo uma canção ou colocando no papel as ideias que estavam apenas no pensamento.

pode  
entrar

crônicas  
do cotidiano

# Pra seguir em frente é preciso olhar para trás



Um novo ano abrindo a porta, resoluções, conclusões, inícios de ciclos. Esperançar o novo, ambicionar outras rotas, escrever num caderno com cheiro de estreia. Pra mim, antes do novo chegar é preciso olhar pra trás e abraçar o percurso.

Sinto imenso prazer em me olhar nua, sem as vestes sociais. Gosto das minhas conversas honestas comigo mesma. É nessa hora, ao abrir a porta pra esses 365 dias, que elas são mais francas e também generosas.

Parei agora pra ter esse tête-à-tête, numa prosa que tem gosto de recomeço. Chorei, ri, senti orgulho, me abracei por alguns instantes e, no fim, suspirei todas as dores entaladas aqui dentro.

Olhei para os dias bons com a certeza de que passei em estrelas cadentes, construí pontes de arco-íris e falei idiomas que só outros corações são capazes de compreender. Vi os dias difíceis com a clareza do inevitável, mas com a mansidão de quem não foge das próprias escolhas.

É isso né?! O balanço tem que ser feito.

Acho mesmo que pra ter valido a pena, no final, a gente tem que ser invadido da sensação de “eu vivi”.

Eu vi a coreografia e dancei. Eu coloquei a música e ouvi. Eu cantei todos os trechos do meu livro, não me furtei de sentir e desmoronei, levantei, fiz brigadeiro, me envolvi nos sabores, aninhei outras pessoas, tive colo, não me escondi do prazer, gozei.

Eu, agente da minha vida.

É claro que precisei parar vez ou outra, recalculando a rota. Mas segui. Desisti de alguns planos - não sou boa com isso - planejar, listar, seguir roteiros.

Aceitei derrotas, reconheci que precisava perder. Não briguei com o abismo, olhei no fundo dos olhos da dor. Sustentei.

Eu vivi!

Vivi os pores do sol, contei os dias dos meus filhos - que em 2023 pareciam anos inteiros-, inventei datas especiais, colecionei sextas-feiras com os amigos, esperei pelos domingos com os meus, desejei mais horas numa noite, mais dias numa semana e que alguns meses acabassem no dia 15.

Quis acreditar no amor e falhei. E mesmo assim amei mais do que na vida inteira.

Suspirei. Abracei. Deixei ir.

Olhei pra trás uma última vez, agradei e tô agora abrindo o caminho pro novo.

A gente se encontrará em 2024, nesse maracatu que a vida nos convida a dançar. Então se movimenta, deixa fluir, se solta, escuta a música, aceita o convite.

**Promete viver aí, que eu me comprometo com a vida aqui.**



**Nanda Guimarães**

*Eu sou a Nanda, mulher, mãe, escriba em desenvolvimento, contadora de histórias, caçadora de estrelas, apoiadora de mulheres, entusiasta da vida e do amor, das miudezas, dos sentimentos que viram palavras. Sou a pessoa por trás do Instagram @palavraemprosa e me aventurei na coragem pra colocar na pontinha dos dedos o que pulsa aqui dentro.*

# Eufemismos

É sempre bom chamar as coisas pelo nome que elas têm

Sabemos que documentos produzidos por órgãos públicos podem ser classificados como sigilosos por um prazo determinado e que, depois desse prazo, são abertos à consulta (1). Em 2018, diversos meios de comunicação divulgaram, no Brasil, um memorando da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos, a CIA, que havia sido liberado à consulta (2).

O documento está disponível na página da CIA (3). Local e data? Washington, 11/4/1974. Nele, William Colby, então diretor da CIA, informa o secretário de Estado Henry Kissinger sobre uma reunião de quatro generais brasileiros ocorrida em 30/3/1974. Ernesto Geisel tinha sido empossado na Presidência da República 15 dias antes e estava reunido com João Baptista Figueiredo, então chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) e futuro presidente da República; Milton Tavares de Souza, chefe do Centro de Informações do Exército (CIE) durante o governo anterior de Emílio Garrastazu Médici, e Confúcio Danton de Paula Avelino, recém-empossado chefe do CIE.

Quem consulta o memorando verifica que dois dos seis parágrafos que o compõem continuam vedados à leitura: o primeiro (de sete linhas) e o quinto (de 12 linhas) (4). Podemos supor que, no primeiro parágrafo, Colby informa Kissinger sobre como a notícia da reunião chegou até ele. Ou seja, ainda não podemos saber, hoje, quem eram os agentes que atuavam no Brasil e como souberam da reunião.

O terceiro parágrafo informa que foi o general Milton Tavares quem mais falou, enaltecendo o trabalho do CIE durante o governo Médici. E continua:

*Ele enfatizou que o Brasil não pode ignorar a ameaça subversiva e terrorista, e disse que métodos extralegais*

*devem continuar a ser empregados contra subversivos perigosos. A esse respeito, o general Milton disse que cerca de 104 pessoas dessa categoria foram sumariamente executadas pelo CIE durante o último ano.*

Este é o assunto da reunião: os quatro generais discutem se tais “métodos extralegais” deveriam continuar a ser empregados. De acordo com o memorando, Figueiredo defendeu sua continuidade. Geisel teria comentado sobre sua gravidade e sobre aspectos potencialmente prejudiciais e “disse que queria refletir sobre o assunto durante o fim de semana antes de tomar qualquer decisão”.

O dia da reunião, 30/3/1974, foi um sábado. No dia 1º de abril, diz o documento, Geisel comunicou sua decisão a Figueiredo:

*O presidente Geisel disse ao general Figueiredo que a estratégia [policy] deveria continuar, mas que se deveria ter o maior cuidado para garantir que apenas os subversivos perigosos fossem executados. O presidente e o general Figueiredo concordaram que, quando o CIE detiver uma pessoa suscetível de se enquadrar nessa categoria, o chefe do CIE consultará o general Figueiredo, cuja aprovação deverá ser dada antes de a pessoa ser executada.*

Supondo que as conversas relatadas pelo memorando efetivamente aconteceram, ou seja, que o conteúdo do documento seja fidedigno, podemos perguntar: como terá sido aquele fim de semana do general Geisel? Ele tinha então 66 anos, era uma pessoa que chamaríamos de experiente. O “assunto” terá acompanhado o presidente durante o café da manhã? Na hora de dormir? Num momento de distração, entre uma página e outra de um livro? Na hora do banho?



Como é possível reservar um tempo para tomar uma decisão dessa natureza?

E como será que o general Confúcio de Paula Avelino consultou o general Figueiredo, nos casos em que precisaria de sua aprovação? Por telefone? Pessoalmente? Que argumentos teriam sido debatidos? Ou, antes: que critérios o general Confúcio teria usado para definir os casos que necessitavam de aprovação?

E, uma vez aprovados, como foram consumados os “métodos extralegais”?

Aprendemos na escola que os governos de Geisel (1974-1979) e Figueiredo (1979-1985) configuraram o que se chamou de “Abertura política”, que tinha como objetivo o retorno à democracia, desde que de forma “lenta, gradual e segura”. Ambos são geralmente con-

siderados “moderados”, quando comparados aos presidentes Costa e Silva (1967-1969) e Médici (1969-1974), dos chamados “anos de chumbo”. O memorando da CIA aponta para os cuidados que devemos ter nesse tipo de classificação.

Ditaduras não são boas para ninguém. Podem concentrar o poder de vida ou morte nas mãos de poucos. No início de 2023, no dia 8 de janeiro, cenas impressionantes nos alertaram para uma grave ameaça à nossa democracia. Investigações dos poderes Executivo e Legislativo (federal e do Distrito Federal) evidenciaram a amplitude de tal ameaça, de que fez parte, inclusive, a tentativa de explosão de um caminhão tanque no aeroporto de Brasília(5). O que houve não foram arruaças. Na defesa da democracia, é sempre bom chamar as coisas pelo nome que elas têm.

(1) No Brasil, a Lei de Acesso à Informação regula essa questão. Ver [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm).

(2) Ver, por exemplo, <https://oglobo.globo.com/politica/leia-documento-da-cia-que-diz-que-geisel-autorizou-execucoes-na-ditadura-22676183>.

(3) Ver <https://www.cia.gov/readingroom/docs/br%20017%20memorandum%20from%20di%5B15487962%5D.pdf>.

(4) O número de linhas está discriminado na versão do documento disponibilizada nesta outra página: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76vol11p2/d99?platform=hootsuite>.

(5) Ver, entre outros, <https://www.tjdf.tj.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2023/outubro/tjdf-aumenta-pena-de-envolvido-no-caso-de-bomba-proxima-ao-aeroporto-de-brasil>.



## Verena Alberti

Sou historiadora e professora de história, mestre em antropologia, doutora em teoria da literatura e pós-doutora em ensino de história. Já escrevi livros e artigos nas minhas áreas de estudo, e, de um tempo pra cá, venho me encantando também pela literatura infantil e juvenil. Em 2022, participei da antologia *Quantas portas cabem numa porta* (Ed. Casa do Lobo) e estou curtindo o nascimento de *Cheiro de Formiga*, meu primeiro livro infantil, lançado pela Ed. Patuá.

# Leituras e viagens: um delicioso voo

Sempre que viajo, levo um livro que de alguma forma tenha algo a ver com o lugar de destino. Começo a ler antes de embarcar, como uma preparação para entrar em outros territórios.

2023 me levou a Buenos Aires, carregando na mala a poesia de Alejandra Pizarnik (**Os trabalhos e as noites**).

Para Salvador, fui com Jorge Amado e seus **Capitães da Areia** e **Salvar o Fogo**, do maravilhoso Itamar Vieira Junior.

Finalmente, para Nova York, Patti Smith me fez companhia nos cafés da Bedford Street e na **Linha M** do metrô, que deu nome ao seu livro.

A leitura é uma deliciosa viagem. Imaginamos os cenários descritos, os personagens circulando por eles, ruídos, aromas.

Por outro lado, viajar é também uma leitura. Lemos tudo, com todos os sentidos, como crianças que precisam desobedientemente tocar nas coisas para compreender melhor o que apenas os olhos não dão conta de explicar.

Viajantes são leitores, uma vez que precisam se entregar ao desconhecido, decifrar novos códigos, ainda que dentro do próprio país.

Não se trata apenas de ler e compreender um novo idioma, mas de enxergar outras formas de estar no mundo: jeitos de falar, de vestir, de expressar a espiritualidade, outros sabores e paisagens.

Viagens aumentam nosso alfabeto da vida, pois, tal como na leitura de um livro, concedemos nosso olhar ao que o autor nos apresenta. É necessário aceitar essa troca. Caminhar por outras ruas, experimentar novos temperos, acordar em outro horário, viver o incomum. Sair dos nossos pequenos casulos e explorar o imenso caleidoscópio que é o mundo e que somos nós.

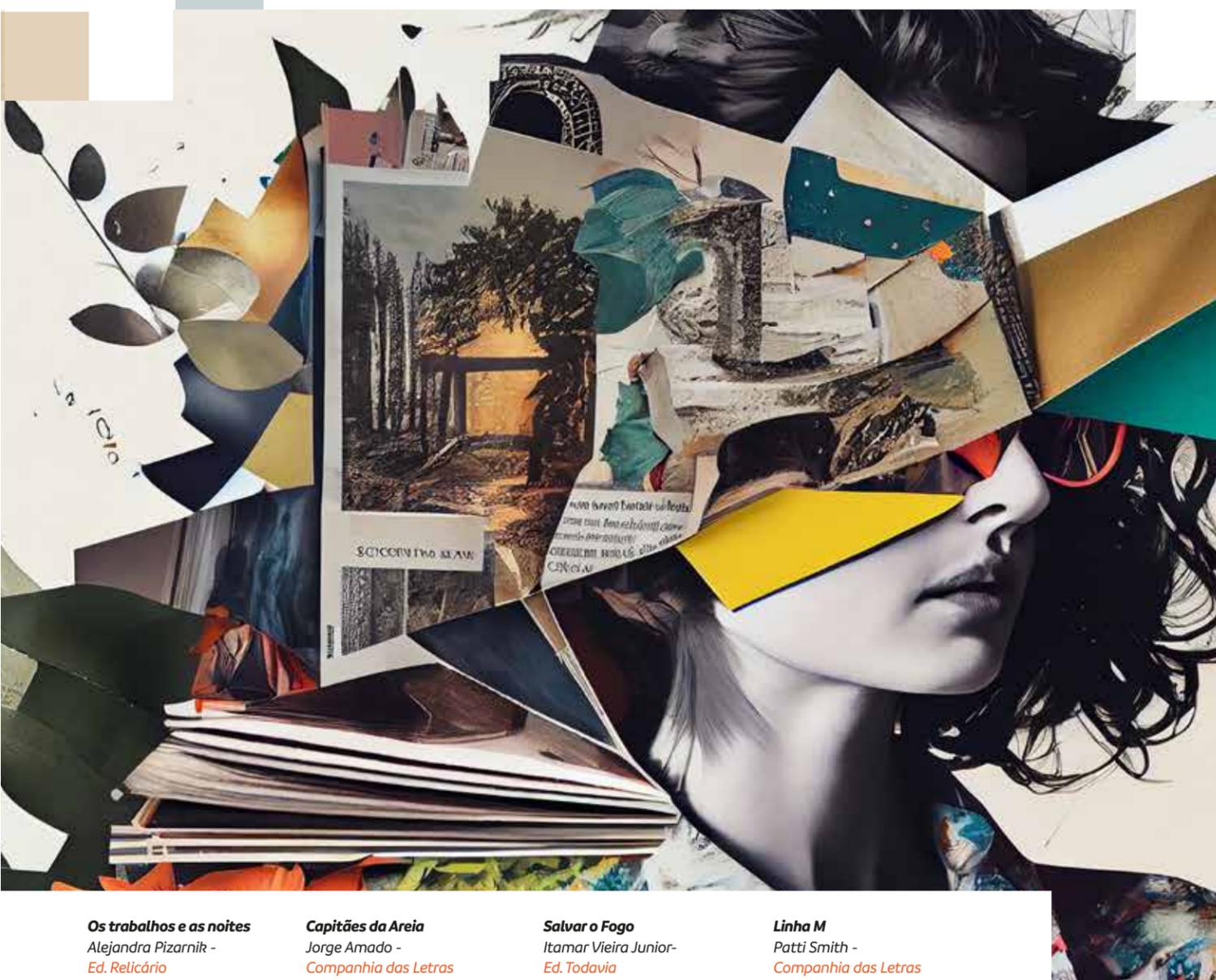
Abrir as asas, alargar os horizontes, perceber as diferenças que nos constituem e, simultaneamente, ter a sensação de pertencimento a algo maior que nos une.

Viajamos e lemos em busca de sensações, espantos e encantamentos. Para isso, é preciso se arriscar a sentir a poesia da vida, esse delicioso voo.

O portão de embarque, de viagens e leituras, está bem perto, no nosso lado de dentro.

Somos nós que carimbamos o passaporte e damos o aviso: preparar para a decolagem.

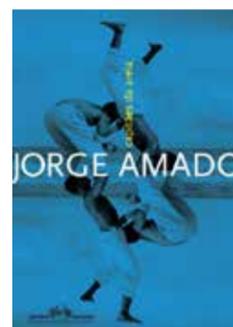
**Que 2024 nos leve a leituras  
e viagens deslumbrantes!**



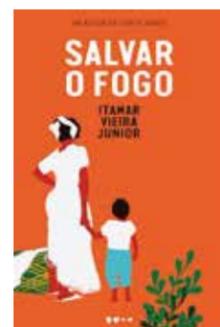
**Os trabalhos e as noites**  
Alejandra Pizarnik -  
Ed. Relicário



**Capitães da Areia**  
Jorge Amado -  
Companhia das Letras



**Salvar o Fogo**  
Itamar Vieira Junior -  
Ed. Todavia



**Linha M**  
Patti Smith -  
Companhia das Letras



**Viviane Lucas**

Sou psicóloga, professora e escritora. Escrever é minha forma de interagir com o mundo, desde sempre. Publiquei "Andarilha" (2022) e "Um lugar pra guardar imensidões" (2023), ambos de poemas, pela Lura Editorial. E "Por outros olhos" (2023), um livro para a infância, para gente pequena e grande. Participei também das antologias: "Crônicas da Manhã" e "Onde canta o Sabiá", (Lura Editorial) e Amazônia (Selo Off Flip) e sopro minhas palavras no instagram @cantosdaluanoa.

*muito do que  
temos a dizer*

*Foram dias intermináveis de luta  
para vencer a mim mesmo  
Foram guerras sem fim, contra pensamen-  
tos infames e a forma como me mostrava  
para o mundo*

*Quantos não eu quis dizer,  
mas no fim,  
acabava me traindo  
e me contradizendo*

**Agora eu me encontro pleno  
Depois de aprender  
a importância de ser quem eu sou  
Não para os outros e sim para comigo**

*Agora em dias de sol eu posso sair tranquilo  
Agora eu mesmo sou o meu destino  
Não me entrego a ninguém,  
pois foram dias de conquista do meu  
próprio íntimo*

*Não me submeto a mais nada  
pois sei do meu valor e não me reprimo  
Reconheço todos os meus traumas e os  
acolho  
Reconheço as minhas sombras e as ilumino*

# Sou o meu destino

*Me vejo pronto a crescer  
e conquistar  
a copa mais alta  
E ainda reafirmo*

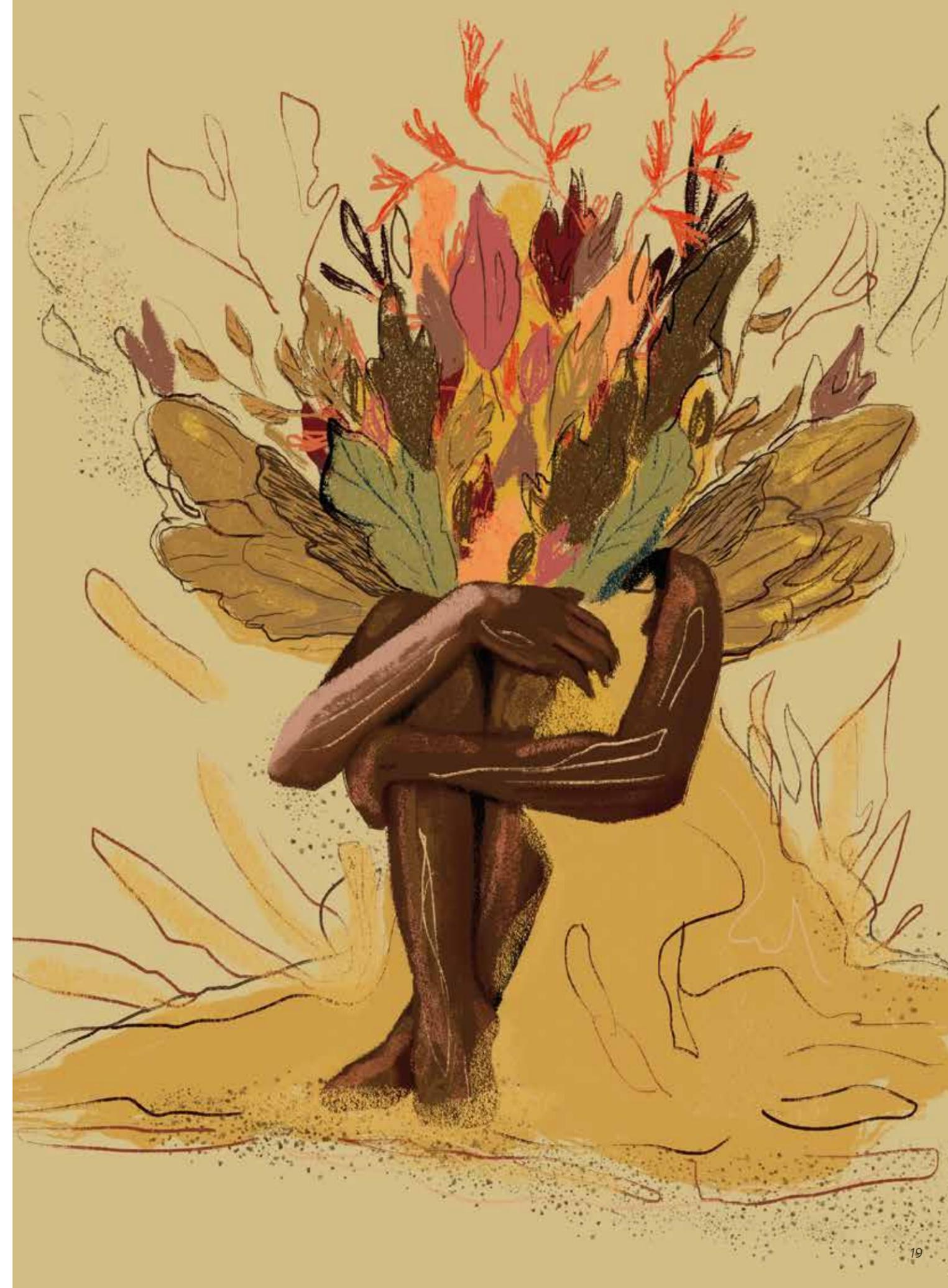
*Cada conquista foi por honra própria e  
mérito  
Cada percalço eu desviei  
Cada ferida eu mesmo curei  
Cada lágrima sequei*

*Não usei atalho, enfrentei o caminho  
Dia após dia, mesmo no luto, bati de peito  
Não por ser extremamente forte,  
mas por reconhecer as minhas fraquezas*

*Reconheço que venci o próprio eu mesquinho  
E não desejo a ninguém tudo o que enfrentei  
internamente  
Eu desejo que cada caminho  
tenha sido mais fácil, amarelo ou colorido*

*Pois na escuridão nasci  
No caminho esburacado vivi  
E o meu destino eu mesmo vencerei*

**Renasci.**



Texto e Ilustração: **Fer Rodrigues @ferilustra**

*Jovem mulher negra, nascida em Curitiba, ilustradora e artista visual. Tenho como trabalho autoral a perspectiva feminina negra, desenhando de forma poética e sensível nossas dores, amores e sabores. Tudo para representar a minha realidade e de várias outras mulheres que se afetam por meus traços.*

# Pode entrar, a casa é nossa!

conta  
mais

mercado editorial

Aos 15 eu li **Cem anos de solidão** pela primeira vez, lá nas cadeiras do Colégio Pedro II. Muito mais que um livro de cabeceira, esse Gabo me arrebatava desde então. É aquele que sempre leio nos recomeços. Que me faz respirar e impulsiona.

O trecho das *mariposas amarillas que precedían las aparaciones de Mauricio Babilonia* me deixou em assombro na primeira leitura. O ar ficou em suspenso e algo absolutamente novo se abriu. Custei a entender, perdi a conta de quantas releituras fiz daquelas palavras. Tenho sempre saudades desse momento de início de tanto... As palavras que definiram minha trilha e minhas teias no latifúndio profissional.

Seis anos depois, em 1993, entrei no mercado editorial. Em 2015, por necessidade contábil, abri uma empresa. E o nome não poderia ser outro... Mas a Macondo ficou parada por anos assim, apenas um nome, um CNPJ.

Quando 2017 chegou eu trabalhava com Laura Souza, publicitária também mordida pela labuta literária, em ambiente mergulhado em machismo, misoginia, *mansplaining*, racismo, homofobia. Ambiente como tantos outros nesse mercado romantizado. Sufocadas, nos rendemos ao desejo de estar com gente como a gente. Conte pra Laura sobre as *mariposas amarillas* e a contaminei no assombro.

E assim a Macondo Casa Editorial foi se transformando. Deixou de ser só um CNPJ e virou a nossa casa. Uma casa editorial para trabalhar com autores iniciantes, autopublicação, orientação e produção editorial para esse nicho. Até que, em 2018, uma grande editora nos contratou para produção de conteúdo para o PNLD Literário.

E, trabalhando aos sorrisos sem ver o tempo passar, percebemos que a Macondo tinha, de fato, nascido.

Com o PNLD caminhamos na nossa paixão do início ao fim: desde a produção editorial das obras, passando pelos materiais para professor e aluno até a entrega final. Pensar no que cada criança e adolescente sente ao ler as linhas que nós preparamos para eles nos conectou com o objetivo que a Macondo tinha quando ainda era apenas um querer.

Construída em chão firme de terra há muito batida, essa casa hoje reúne parceiros que nos acompanham na sala de escritório e de estar em criação coletiva e afetuosa, como Anna Claudia Ramos, Mauricio Planel e Luciana Figueiredo.

Hoje podemos dizer que a Macondo abriu suas portas para projetos variados: literatura, educação, cultura, biblioterapia, formação do leitor... E seguimos sempre nos reinventando e deixando as portas de casa abertas para quem quiser entrar - de trabalhos a pessoas, de empresas a parceiros e colaboradores.

Junto com gente fina, elegante e sincera que chegou pra ficar, transitamos entre um grande grupo editorial e autores iniciantes; mesa de escritório e cadeira da escola; crianças e adultos; literatura e pedagogia. Ensinamos e aprendemos.

E quando juntamos em mesa de bar ou no sofá de casa os amigos que fizemos nesses cinco anos, não resta nenhuma dúvida sobre nossa escolha pelo trabalho afetuoso. Há quem ache piegas, há quem ache ingenuidade, há quem ache que falta seriedade. Pra mim e pra Laura é coisa boa da vida, é benção, é sorte, é suor. Saravá, Macondo! E que Gabo nos acompanhe.

## Ilustração: Elê Nogueira

Me chamo Elê Nogueira. Cursei História da Arte (UERJ), Artes Plásticas (UFRJ), Licenciatura em Ed. Artística (Bennet) e Design Gráfico Digital (Senac). Sou carioca, mas meu coração se enche de felicidade em saber que meus trabalhos estão espalhados por esse mundão. Dezenove das minhas telas fazem parte do acervo permanente do Banco Mundial, em Washington - DC. Para mim, o desenho é uma das mais lindas formas de linguagem e expressão. Você pode ver alguns dos meus trabalhos nos perfis @poesiacoladacomigo e @favelinhavertical.



## Texto: Bárbara Anaissi - Colaborou Laura Souza

Sou jornalista e especialista em formação do leitor em múltiplas linguagens. Estou no mundo dos livros desde 1993 atuando em diversas áreas. Em 2015 fundei a Macondo Casa Editorial onde, com minha sócia e um grupo de parceiros e amigos, trabalho projetos editoriais e educacionais que despertem afetos e sorrisos. Tenho textos nas coletâneas Biblioteca e ações de leitura e Quantas portas cabem numa porta?. Livros, cachorros, sol, mar, vinil, conversas e amores me ocupam por inteiro. (@barbaraanaissi / @macondocasaeditorial).

# O que pode a imagem na literatura ilustrada?

Na história da humanidade, antes de consolidarmos a oralidade e a escrita, experienciamos as imagens - as linguagens do corpo, o movimento das mãos, o movimento da boca e tudo que a natureza nos trazia. Não é possível fazer literatura (oral, escrita ou visual) sem que nos permitamos uma pausa diante da efervescência do mundo, sem uma certa contemplação para retornarmos a esse estado inicial da infância das linguagens.

Toda arte, me parece, e a literatura é uma arte, nasce de uma pausa antecedida por uma explosão de leituras acumuladas; e aqui eu estou tomando leitura como uma ação de colheita das coisas do mundo - como a infância de todas as artes. Nessa infância cabe todo um acervo de imagens. Elas habitam nosso mundo singular, individual, secreto e, ao mesmo tempo comum, e fazem parte de nossas narrativas pessoais e coletivas. Aglutinam-se ao que chamamos de memória e percepção.

**Albatroz**, de Baudelaire, é uma imagem inesquecível para mim, por exemplo. Uma experiência que só tive através da literatura, mas que me parece muito viva na memória. Eu sou capaz de ver o pássaro e suas asas gigantes arrastadas como remos caídos. Vejo e lamento pelo pássaro e pelo poeta. Mas não posso ignorar que minha imagem seja construída pelas palavras do poema, aliadas a meu repertório de imagens mentais, que são memórias de minhas viagens de barco pelo rio Amazonas, sem mar e sem albatroz, mas com céu de pássaros e balanço das águas; o que só me confirma a ideia de que a literatura se alimenta (ela, o escritor e o leitor) de imagens em abstração.

Esse texto começou há algum tempo, mas voltou a ser costurado há pouco, na leitura do livro **Lá fora, logo ali**; o livro que, segundo o autor, Maurice Sendak, era o seu preferido e que, segundo minha filha de oito anos, é muito bonito e assustador. Quando pegou o livro, ela dispensou a leitura em voz alta que eu começava a fazer e quis ver as imagens. Na última página disse: 'É bonito, mas me assusta'. Perguntei: 'você não quer que a gente leia juntas?'. Ela muito naturalmente disse 'não, mãe, já li as imagens'. Isso me inquietou por completo. O que fez com que ela aceitasse a imagem como lida e, de certa forma, entendida?

O que podem as imagens na literatura ilustrada? Eu tomo aqui como literatura ilustrada todo livro literário ilustrado, inclusive o livro-imagem. Eu passei um bom tempo olhando as imagens do livro de Sendak e pensando no tanto de mistério que ele carrega. Nada é muito óbvio no livro, nem na escrita e nem nas imagens, ironicamente bem claras. A impressão que eu tenho com essa leitura é de penetrar em um daqueles enormes quadros de museu e sair vasculhando os detalhes e me perdendo e me afastando do lugar por onde entrei.

Ao mesmo tempo, vejo a experiência de leitura de minha filha e sua conclusão rápida de bonito, mas assustador, e fico pensando como ela conseguiu penetrar na arte de Sendak e sair assim, com esse ar ileso e essa conclusão decidida; enquanto eu passei um tempo tentando me encontrar. Nossas leituras certamente não são as mesmas, mas concordamos - eu, ela e Sendak - que há muito mistério lá fora. Um mistério que talvez se explique pelo espaço



Reprodução de imagem da capa do livro *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak, eleito pela BBC o melhor livro infantil de todos os tempos.

entre o que é visível e o que é lisível na imagem – apontando o lisível como algo pessoal, intransferível e cumulativo.

**Onde vivem os monstros** é outro livro de Sendak que há algum tempo surpreendeu por aqui. Em novembro de 2023, o livro completou 60 anos e foi eleito o melhor livro infantil de todos os tempos, segundo o ranking da BBC, formado por 177 especialistas de 56 países. Não são poucas as pessoas que dizem não entender porque tantas voltas em torno desse livro. Minha filha mesmo escolheria muitos outros antes desse e meu marido sequer o escolheria. Até o dia em que eu li o livro para ele – emprestando meu olhar – e ele, empolgadíssimo, disse 'mas que incrível que é esse livro. Agora sim, eu entendo!'

Eu sei perfeitamente o que ele sentiu quando finalmente peguei sua mão e entrei na obra com ele, mostrando como ela fazia sentido para mim: o texto verbal enxuto e rico; as imagens que crescem com o avançar da narrativa, mostrando a criança que se empodera de sua infância enfrentando inocentemente a mãe, fazendo sua viagem de barco, que mais parece um barquinho de papel, se divertindo nos ombros dos monstros, na bagunça sem policiamento, na saudade de casa que o traz de volta para um jantar quentinho. Sem falar no uso magistral do design do livro, com as imagens para mostrar o aumentar e diminuir da tensão e do distanciamento da criança – a ponto de, no ápice, dispensar palavras –, e no entendimento de que naquela literatura ilustrada nada foi gratuito e que existe todo um cuidado estético com a palavra e com a imagem.

Como Sendak, Angela Lago mergulhou, em todos os seus livros, na potência das imagens e do objeto livro como contadores de histórias. Em **Cena de rua**,

Ângela usa a literatura visual para nos inquietar em nosso lugar ora de espectador, ora de participante; num jogo de mea culpa individual e coletiva. Suas imagens também nos olham. Minha filha quando leu ficou contemplativa e passou um tempo fixando a imagem do menino comendo próximo a seu cachorro, até que disse 'é triste!'

Em seu livro **Diante da Imagem**, Didi-Huberman nos lembra, na voz de outro pensador, que nós podemos sonhar com a humanidade de um mundo onde estudar a imagem nos salvará de toda violência. Pensar nisso enriquece ainda mais o mundo das imagens no livro ilustrado, no livro-imagem, e mesmo na literatura verbal cujas imagens são impulsionadas pelo costurar das palavras, como no meu poema favorito que compara o poeta ao albatroz e que tanto me toca.

Enquanto um texto verbal nos obriga a ler as partes (palavras, frases, contexto ...) de forma sucessiva, para então termos ideia do todo dito e de parte do não dito; a leitura da imagem nos apresenta um todo visível que nos submete aos poucos, às partes, que vão ganhando sentido no que nos é lisível. Ambos podem nos inquietar profundamente. Por isso a leitura da criança me intriga, porque é a infância diante do tempo que a antecedeu construindo seus sentidos, se envolvendo com a obra sem pré-conceitos.

E finalmente, no que pese a pausa diante da efervescência do mundo, a Literatura ilustrada é um despertador maravilhoso de nosso potencial humano pela imaginação; porque é isso que as imagens na literatura ilustrada podem: nos abrir os olhos. Dizer que o livro ilustrado é essencial em qualquer biblioteca nunca será um exagero.



prosa  
e verso

muito do que  
temos a dizer

## Em silêncio

em silêncio  
o útero de minha mãe me pariu  
em silêncio

em silêncio  
olharam-me entre as pernas  
e disseram  
mulher

ouvimos pausas  
engolimos brasas  
sofremos advérbios de negação  
e criamos musgos para fertilizar pedras  
desde então

muro pichado com xingamentos  
vagaba, passada, arrogante, otária  
magrela, gorda, fuleira, sonsa, raivosa, mandu  
dispensamos quaisquer concessões  
"nós mesma nos dá permissão"

aprendemos a ventar  
segurar vendavais  
relampejar mil relâmpagos  
acender miles sóis  
levantar maremotos  
apagar labaredas  
amar até esgarçar os lençóis

cavalas de memórias ancestrais  
Geledés, Dandara, Kehinde, Felipa  
Camarão, Tuíra e Moaras  
recebemos o poder dos pássaros  
nossa sombra mata

seguimos o rastro do sangue  
que dá vida aos corpos  
fertilizamos  
ovo, arte, semente  
em nossas barrigas  
palavra, desejo, alimento  
movimento ou ori

netas de cozinheiras, costureiras, faxineiras  
arrumadeiras, lavadeiras e outras eiras  
trazemos guizos nos tornozelos  
patuás roçando a raiz dos cabelos  
tatuagens e cicatrizes adornando  
olhos, cóccix, ombros, púbis, pernas e peitos  
mãos empunhando espelhos e cimitarras

como em Ana Maria Gonçalves  
temos "poder muito grande  
maior do que qualquer outro"  
como em Cora Coralina  
fazemos doces  
removemos pedras  
e plantamos flores

e escrevemos livros  
e outros textos, intertextos e subtextos  
em silêncio



### Suelen D'Andrade Viana

Sou formada em Letras e Linguística. Sou também jardineira, leitora e mãe em tempo integral. Nas horas vagas, dou aula de inglês para crianças e compartilho conversas e ideias sobre livros e sobre nós, sem pressa, no perfil @livrinho.e.tanto.



### Girlene Chagas Bulhões. @girlenechagasbulhoes

Sou Girlene, Gil, Girloca e glcA. Nascida e criada em Salvador-BA, moro há uns anos em Goiás-GO. Vivo lá e cá. Trabalho com memórias insubmissas, palavras e imagens. Escritos e colagens que transformo em cartografias que juntam sangue e poesia. Quase nada publicado fora da Academia. Filha de Oxum com Oxóssi, canceriana com Lua em Peixes e Mercúrio em Gêmeos, sou pura água e vento.

# A economia do cuidado

*“Aquele homem, pensou com raiva subindo dentro de si, nunca dava; aquele homem pegava. Ela, por outro lado, seria obrigada a dar. A sra. Ramsay havia dado. Dando, dando, dando, morrera – e deixara tudo isso.”*

Em “O Farol”, de Virginia Woolf, a bela mulher que compunha a personagem da sra. Ramsay era também um “exemplo” de boa dona-de-casa, devota aos filhos e às suscetibilidades de um marido inseguro.

E aparentemente seria feliz, - conquanto nenhum objeto estivesse fora do lugar -, na fantasia do microcosmo perfeito em que deveria acreditar: crianças bem alimentadas, mesa impecavelmente posta, móveis alinhados à estética da época.

Com a morte da heroína matriarca, vê-se a sutil decadência da residência dos Ramsay, em todos os seus componentes humanos: cônjuge, filhos, empregados.

No pano de fundo, a figura de uma mulher por vezes oprimida no papel de gênero do cuidado do lar; equilibrando-se entre emoções que, de tão femininas, lhe seriam usurpadas; impossibilitada ainda de simples atos como avocar as próprias decisões, determinar rumos, ser reconhecida para além de uma obrigação social e, sobretudo, poder se cansar e até desistir. No caso da sra. Ramsay, ela não desistiria. Somente a morte lhe retirou o protagonismo.

E é assim também, na vida real. Mulheres a quem a sociedade normaliza a alcunha de “incansáveis” e “guerreiras”.

O tema da sobrecarga da mulher, evitado pela sociedade, veio a lume com a prova do ENEM 2023. Em uma abordagem para lá de concretista, a prova pedia a dissertação no seguinte tópico: “Desafios para o Enfrentamento da Invisibilidade do Trabalho de Cuidado Realizado pela Mulher no Brasil”.

Vejam que não se tratava de uma abordagem sobre a problemática da política internacional. Mesmo em plena guerra. Nem tampouco se queria saber do avanço tecnológico que possibilitou as incríveis fotos de uma galáxia distante, em navegação de satélite. Não.

A questão cobrada voltava os olhos do candidato para o seu dia a dia. Para o próprio lar. Para o tecido invisível que rege toda a casa em um equilíbrio familiar de funcionalidades, afeto e até organização financeira.

Trata-se do trabalho diuturno de mães, domésticas, cuidadoras. Em sua maioria, mulheres. São elas que fazem a vida parecer um conto de fadas, daqueles em que, como no antigo seriado de “A Feiticeira”, torcia-se o nariz e se tinha a mesa posta, a roupa passada e a casa arrumada.

Sem dúvida alguma, o trabalho de cuidado pode ser considerado um dos mais essenciais, e, como a liturgia de um ethos, compreende as tarefas diárias de cuidar das outras pessoas, cozinhar, lavar, arrumar a casa, buscar água e até lenha; atividades imprescindíveis, como relatou estudo da OXFAM (2020), tanto para o bem-estar das comunidades, como para a própria economia.

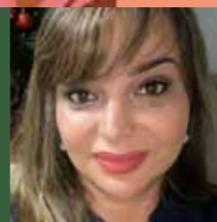
Nos cenários brasileiro e mundial, a responsabilidade não equânime por este tipo de trabalho é o principal fator de perpetuação das desigualdades de gênero e econômica, sobretudo quando as tarefas do cuidado seguem invisibilizadas e não valorizadas.

Para Claudia Goldin, vencedora do prêmio Nobel de Economia em 2023, “nunca teremos igualdade de gênero no trabalho até que tenhamos equidade entre os casais”. Isto é, vinculando-se o trabalho reprodutivo à figura da mulher, os homens ficam mais livres para desempenharem seus papéis profissionais remunerados, fora da esfera doméstica. E a mulher, mesmo que trabalhe fora, não se vê dispensada das tarefas de cuidado que lhe são associadas, forçando-se a cumprir duplas ou triplas jornadas.

A pesquisa da Dra. Claudia Goldin analisou 200 anos de participação das mulheres no mercado de trabalho e demonstrou que, apesar do crescimento econômico, seus ganhos não se equiparam aos dos homens, mesmo para aquelas com maior nível de educação formal. Neste aspecto, o nascimento dos filhos exerce grande influência sobre a escala remuneratória, pela posição de destaque nas estatísticas das pessoas que deixam o emprego durante o primeiro ano do filho, nem sempre de forma voluntária.

O convite à reflexão da questão e às mudanças de comportamento se impõe, como o farol da obra de Virginia Woolf, e lança luz sobre um futuro que desconhecemos.

**Entendemos o fenômeno.  
Agora, provoquemos  
mudanças.**



**Graziela Honorato**

Sou graduada em Letras e Direito, mestre em Administração Pública e procuradora da Fazenda Nacional. Faço parte do coletivo Tributos a Elas, disseminando informações sobre as conquistas e as lutas feministas nas áreas jurídica e de políticas públicas. Me aproximei da Literatura Infantil quando me tornei mãe da Catarina e agora estou aprofundando meus mergulhos na Oficina Literária da escritora Anna Cláudia Ramos.

# O futuro é ancestral

## A educação nas tradições orais indígenas e africanas

*“Quando você não souber para onde ir, lembre-se de onde você veio”*

- provérbio africano.

Quando falamos de outros caminhos para a educação e para a humanidade, precisamos nos cercar de referências ancestrais. Fazer o movimento Sankofa: olhar para nossos antigos e o legado deixado por eles. Pensando nisso, referencio, aqui, dois intelectuais e suas respectivas obras, que tratam de uma educação e construção social a partir dos saberes tradicionais: A poeta, geógrafa e ativista indígena brasileira Márcia Kambeba, com **Saberes da floresta (Edit. Jandaíra)**, e o escritor malinês Amadou Hampâté Bâ, com **Amkoullel: o menino fula (Edit. Palas)**.

Os dois livros estão em total sintonia, uma vez que narram, cada um a seu modo e partindo de suas experiências, os desdobramentos e efeitos causados pela colonização. O princípio básico dessa dupla herança da qual descendemos está pautado na tradição oral que, segundo Hampâté, nada mais é que

*uma gama de conhecimentos, transmitidos de geração a geração, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos, e que serve para criar um tipo de homem particular.*

E é sobre esse Ser particular que os dois autores falam, quando denunciam as falsidades perpetradas pela História oficial e suas práticas epistemicidas, de sobreposição de culturas. Ao apontarem o antagonismo entre a escola tradicional e o que chamam de “escola dos brancos”, trazem à tona o constante desafio de ser/estar inserido a contragosto num sistema educacional marcado por uma lógica distinta, hostil e segregacionista, que não leva em consideração outras formas de existência.

Apesar dos ecos nocivos dessa imposição, Márcia e Hampâté nos mostram como burlaram o aparelho colonial, aprendendo sua língua e valendo-se dela como arma de luta e resistência. Contando suas próprias histórias, expõem perspectivas e vivências individuais que se dão pela coletividade.

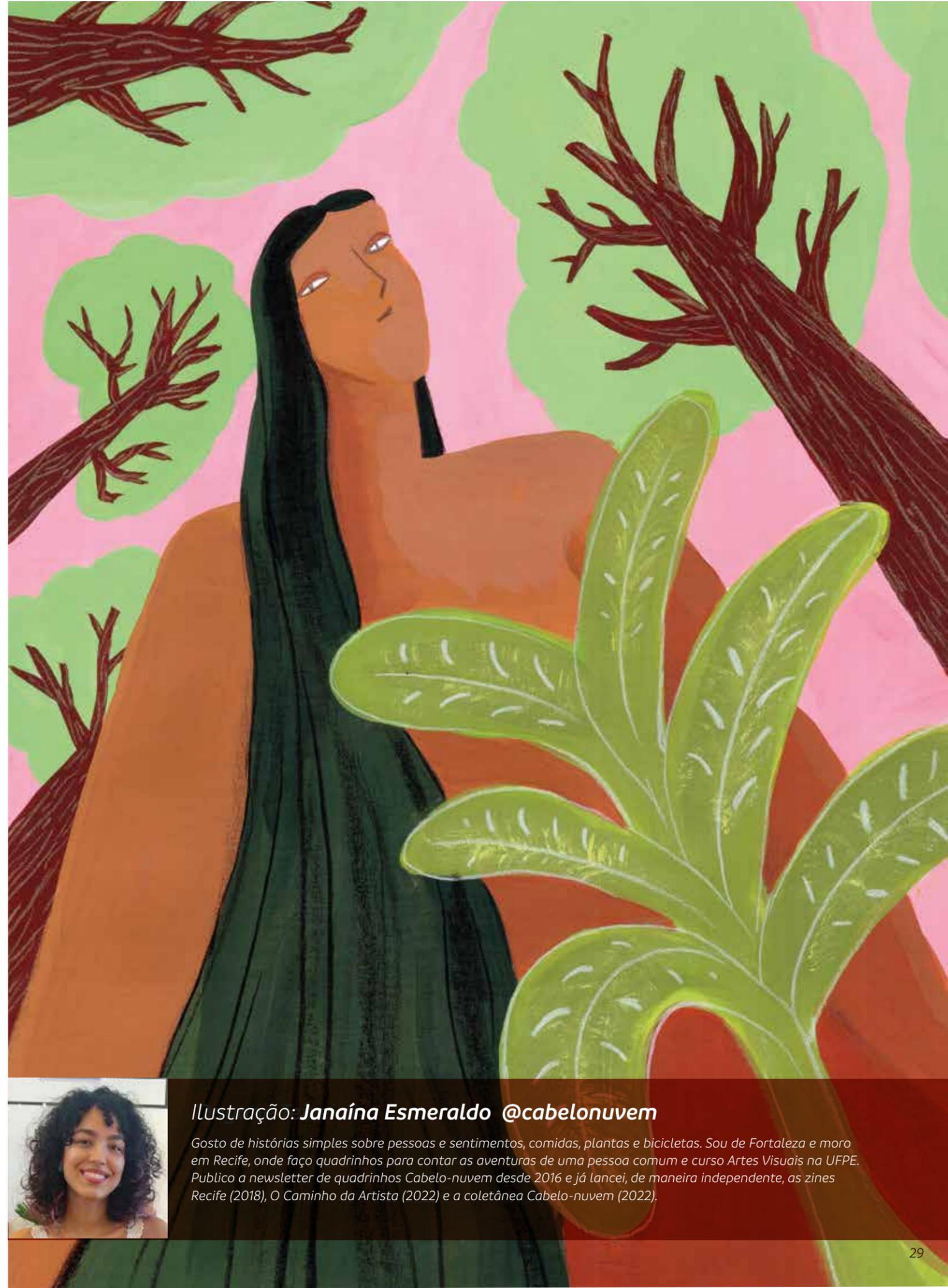


Ilustração: **Janaína Esmeraldo @cabelonuvem**

Gosto de histórias simples sobre pessoas e sentimentos, comidas, plantas e bicicletas. Sou de Fortaleza e moro em Recife, onde faço quadrinhos para contar as aventuras de uma pessoa comum e curso Artes Visuais na UFPE. Publico a newsletter de quadrinhos Cabelo-nuvem desde 2016 e já lancei, de maneira independente, as zines Recife (2018), O Caminho da Artista (2022) e a coletânea Cabelo-nuvem (2022).

Seus escritos mencionam valores opostos aos ocidentais, em que o ser humano não está apartado do meio em que vive; sua relação com a natureza não é predatória.

As vivências narradas na floresta e nas aldeias nos mostram que faz parte da educação indígena e africana saber ouvir, se comunicar e interagir com os elementos da natureza, buscando sempre o equilíbrio por meio dessa relação recíproca de respeito. Como diz Márcia Kambeba, na aldeia tudo é ensinamento, tudo é escola, desde o banho de rio, até a tarefa de buscar água.

A autonomia das crianças é outro ponto de confluência entre os autores, pois os pequenos têm suas potencialidades reconhecidas e constantemente trabalhadas. A eles são atribuídas funções – assim como acontece com os adultos –, que lhes proporcionam sentimento de pertencimento e senso de responsabilidade dentro do(s) grupo(s).

A concepção do tempo também está elencada nas duas obras. O tempo de aprendizado nas aldeias é diferente do tempo da escola dos brancos. O que já passou não passou, ainda é. Por isso os ancestrais não são figuras longínquas de um passado remoto, pelo contrário, são presença marcada no dia a dia das novas gerações.

O uso da palavra permeia o dizer, o narrar, o repetir, que são estratégias de ensino. Da mesma forma que ouvir, sentir e decorar estão atrelados à ideia de memória e reconhecimento identitário. Sentar para ouvir as histórias e ensinamentos de um ancião, um pajé, um tradicionalista, ou mesmo o vento que bate na copa das árvores, faz parte da dinâmica de ensino-aprendizagem cotidiana, tanto na cultura original indígena, quanto na africana. Assim são disseminados valores, ética, modos de se relacionar, preservação da memória ancestral, valorização de identidades e da pluralidade.

Como diz o mestre Hampâté,

**a fala pode criar a paz, assim como pode destruí-la. É como o fogo. Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio.**

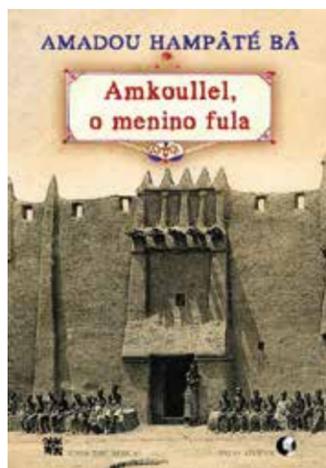
**O futuro é ancestral!**



Texto: **Dayane Teixeira**

Sou mulher cearense tentando resgatar meus laços ancestrais, formada em Letras, atuante na área de museus, membro do Coletivo Tradição Viva, pesquisadora independente de Literatura Africana, Negro-brasileira e Indígena brasileira, idealizadora da página literária @sy\_jigeen e também autora do livro de poesias Corpo-concha.

**Amkoullel: o menino fula**  
Amadou Hampâté Bâ  
Editora Palas



**Saberes da Floresta**  
Márcia Kambeba  
Editora Jandaíra

# Uma aprendiz na FLIP

cata  
vento

diários e  
imensidões

Cheguei no Rio de Janeiro em 21 de novembro, para a Festa Literária Internacional de Paraty - FLIP. O dia começou bonito, um sol para cada um. Casas temáticas, as ruas travestidas de alegria, um vai e vem de pessoas de todas as partes do Brasil e do mundo. Cores, poesia e memórias se misturavam nos casarios e sobrados da cidade. Janelas vibrantes em tons de azul e amarelo revelavam personagens instigantes.

Lá estava eu, mergulhada no maior evento literário do continente, cenário de artistas, escritores reconhecidos, independentes, iniciantes, leitores e curiosos. Senti um frenesi e um misto de ansiedade e encantamento. Poemas estampados nas paredes, versos e prosas recitados em alto falante, rostos apreensivos à procura de palestras, filas e mais filas para mesas e rodas de conversa.

Como boa pernambucana que sou, a alegria invadiu meu peito quando me vi abraçada por escritores de minha terra. Mais contagiada ainda fiquei ao ver cordelistas entoando cantigas e disseminando sabedoria popular.

Editoras e livrarias se faziam presentes com vendas e divulgação de livros dos homenageados e dos escritores mais populares. Mas tinha lugar também para acolher e divul-

gar escritores independentes, como a Casa Gueto, Casa Queer e o Selo Off-flip. Neste último, estive como uma das autoras da Antologia Nordeste, com um conto que teve como tema Memória fotográfica.

Gostei muito da programação da Casa Livre-Graviola Digital, Liga Brasileira de Editoras. Lá conheci de perto minha professora de ilustração, Anabella López, e participei de debates sobre assuntos fraturantes na Literatura Infantil, que me fizeram refletir. Uma frase de Anabella me marcou: *"Precisamos buscar nosso próprio tom"*.

Durante a programação, tive a oportunidade de escutar sobre outros temas sensíveis e fui me deixando povoar por palavras que pareciam estar sendo ditas para mim. *"Eu escrevo poesia porque sou poeta, não porque sou preto"*, disse Paulo Sabino. *"É preciso sair do lugar da certeza para o lugar da incerteza"*, instigou Conceição Evaristo, com singeleza na voz.

Conceição, aliás, foi, sozinha, um evento. Sua chegada foi digna de uma rainha majestosa. Ainda ouço os aplausos e seu desejo: *"A literatura deveria ser direito de todos."* Comprei seu livro *Canção Para Ninar Menino Grande*, que, segundo Jeferson Te-

nório, autor da quarta capa, "é um mergulho na poética da escrevivência e, ao mesmo tempo, um tributo ao amor sob uma ótica poucas vezes vista na literatura brasileira".

Para encerrar com chave de ouro minha participação na FLIP (certamente a primeira de muitas outras!) tive a oportunidade de ouvir os escritores Glicéria Tupinambá e Itamar Vieira Júnior. Ela, com uma oralidade irretocável e simples, trouxe temas caros à humanidade, como ancestralidade e identidade: *"Os rituais nos salvam, assim como os sonhos."* Já Itamar lembrou que o trabalho solitário do escritor carrega uma história, que tem como destino o corpo do leitor. *"O fazer literário tem um sentido coletivo, no observar e no testemunho."*

Voltei para casa mais leve. A literatura tem esse poder de preencher e fazer flutuar.



**Leila Fernanda Arruda**

Gosto de saber que sou uma bordadora do pensar. Sou servidora pública e também escritora e contadora de histórias. Agora tenho me aventurado pelo mundo da ilustração. Faço parte do Coletivo Teia Literária Vozes desde a sua fundação e tenho textos nas antologias *Ecossistemas da resistência* (2021), *Cartas para o futuro* (2022), *Mulherio das Letras Portugal* (2022) e *Poetize* (2022). Escrevo também sobre as autoras do coletivo e as teias que nos unem no perfil @teialiterariavozes.

# O exercício da (não) escrita

Se as palavras entraram em greve que alguém tenha, ao menos, a delicadeza de me avisar.

Lá se vão mais de três dias que sou humilhada por palavras chinfrins, frases desconexas e metáforas baratas. O texto não engrena. Pane total.

A vontade de fechar o computador é tão atormentadora quanto o desejo de enfrentar o papel em branco. Estabeleci na minha mente uma queda de braço entre a palavra e eu, mas acumulo tentativas frustradas de vencê-la até o momento.

De onde mesmo tirei a ideia de que sou capaz de escrever? Em que momento atribuí à escrita essa dimensão do inatingível? Por que escrever não pode ser apenas juntar umas palavrinhas e pronto? Qual a necessidade de escrever algo revolucionário?

São muitos os questionamentos, mas dizem que os cronistas são, entre os escritores, os mais hábeis em lidar com esses duelos textuais (ou seria existenciais?). Recorro então àqueles cronistas com os quais compartilho grande afeto pela escrita da vida miúda. Releio-os na tentativa de encontrar algum reconforto, uma inspiração, uma pequena luz que seja. E nada.

Nada parece chegar até minha mente exausta, ao meu papel que insiste em permanecer em estado de rascunho. O efeito parece ser o contrário pois a angústia aumenta exponencialmente a cada texto bem servido em palavras e argumentos que esbarro pelo caminho.

Mas como é que se consegue essa fluidez na escrita? Como é possível tecer tantas palavras sem que haja um único nó? Então, não há dor? Nenhuma angústia existencial?

Porque, para mim, escrever dói. De uma dor doida daquelas que deixa o corpo em exaustão diante do papel em branco. Devo sofrer da síndrome de Bonnard - aquele pintor que repintava seus quadros infindavelmente. Escrevo uma única palavra, depois passo horas retocando significados, num exercício sem fim de reescrita. O problema está em mim, só pode. Não posso ser assim tão devota das palavras ao ponto de sacralizá-las e me prostrar como vassala. Há de haver uma saída.

Digito no google: "como conseguir inspiração para escrever um texto genial?". E as respostas são tão surpreendentes quanto da ordem do espiritual. Claro que se isolar num lugar afastado de qualquer vestígio de civilização pode até trazer alguma inspiração e nos render muitas páginas, mas acontece que a escrita também é trabalho braçal. E trabalhar um texto requer boa dose de paciência com as palavras.

Sendo assim, abandono este texto por completa incapacidade. E que fique registrado aqui que sou apenas uma guardadora de palavras. Vivo povoada por seus sentidos e (quase sempre) silêncios.



**Erica Rabeljee**

*Sou mulher preta, mãe, imigrante. Da curiosidade pelas palavras, tornei-me Linguista. Me (re)encontro, todos os dias, na educação popular e no trabalho com/para as infâncias. Nasci carioca, mas meu corpo há anos é viajante. Gosto de trocar ideias sobre café, lugares e livros no meu perfil @erica\_oazo.*

# prosa e verso

## muito do que temos a dizer

### Cheiros

Há quem diga que a vida são cheiros:  
Chulé, flor, fruta, terra molhada, café  
Amor que deixa até suor perfumado  
Madeira, gasolina, comida na panela  
Alegre brisa de mar, triste rio poluído  
Em mim, que nasci quase sem olfato,  
A vida percorre caminhos em que  
Cheiro não é memória, é silêncio!

### Fabício Freire Gomes



#### @fabriciogomes1979

Sou jornalista de formação e, mesmo quando segui outros rumos profissionais, nunca abandonei as palavras. Ao me tornar pai da Maria Clara, em 2012, a escrita passou a pulsar por um caminho que jamais pensei que teria sensibilidade para trilhar: a literatura infantil. Desde 2020 sou aluno de oficina literária da escritora Anna Claudia Ramos e participei da antologia "Quantas portas cabem numa porta" (Ed. Casa do Lobo).

### o outro

a gente às vezes quer que o amor  
seja raia  
daquela da infância, que a gente  
tenta colocar em linha curta e  
descer

correndo  
a ladeira

para ver se, controlada, ela sobe  
mas amor não pode ser raia  
amor é

vento  
calmo  
tempestade

amor é sentido

nem brisa se controla  
amor é paciência

é esperança que as circunstâncias  
sejam favoráveis à vela  
desejo que o barco não vire,  
mas,  
quando virar,  
que deixe estar o tempo  
que a brisa volta a soprar

amor não é raia.  
amor não é vela.

amor é paciência  
amor é o outro.

### Pollianna Freire



#### @freirepdfs

Nasci no sertão da Bahia e há dez anos vivo em Brasília, cidade que se tornou um dos meus lugares preferidos no mundo depois que, aleatoriamente, escolhi o quadradinho para cursar mestrado e doutorado em Literatura.

### Torpor

Se alguém tivesse notado  
Que o vento nem sempre assobia  
Que a bruma rouba as sombras  
Que culpa se esconde atrás das cortinas

Se alguém tivesse notado  
Que a lua se despe no mar  
Que o tempo não pede licença  
Que ninguém nos ensinou a respirar

Se alguém tivesse notado  
Que as rugas dos velhos trazem recados

\*inspira\*

\*suspira\*

O tanto que podia ter mudado  
Se a gente tivesse notado

### Laura Vasques de Sousa



#### @lauravasquessousa

Nasci em Lisboa. Sou licenciada em Biologia Aplicada aos Recursos Animais (FCUL) e em Cardiopneumologia (ESTeSL), profissão que exerço. Desde cedo, estive rodeada de livros, leituras e escritas, mas apenas depois dos 40 anos tive a lucidez de lhes fazer a vontade e espalhar minhas palavras por aí. Sou autora do blog "Espólio" (lauravasquessousa.blogs.sapo.pt) e tenho contos publicados em revistas e plataformas digitais.

### Silêncios

Dentro de mim  
tem silêncios  
gritando.  
Ruídos não manifestos  
fazendo barulhos  
pulsantes.  
Do lado de fora  
tem barulhos  
calados.  
Vozes emudecidas,  
poluição sonora  
de não palavras de mágoa.  
Dentro de mim  
palavra  
calada.  
Fora de mim  
abafadores  
ensurdecedores.

### Cacá Silveira



#### @umamarianapoesia

Nasci em Carmópolis de Minas (MG). Sou mulher, mãe de duas, historiadora de formação e escritora por paixão. Encontrei na escrita uma forma de existir no mundo. Integro o Coletivo Escrevientes e tenho poemas e contos publicados em revistas literárias e no perfil @umamarianapoesia.

# prosa e verso

**muito do que temos a dizer**

## **Chegada**

Na carta Tião avisou que há de chegar pra Folia de Reis. Quatro, cinco anos que Bertolino espera o filho voltar de Goiás. Na escura noite feliz, a lua crescente clareia a porta aberta.  
– A benção, meu pai!  
Silêncio sagrado.  
– Isso é hora de chegar em casa? Deus te abençoe.

## **Diogo Tadeu**



### **@diogotadeusilveira**

Sou escritor e advogado. Mineiro, filho da costureira Maria e do professor Amós. Nasci em Divinópolis e passei minha infância e adolescência em Carmópolis. Estudei Letras e Direito em Belo Horizonte, me casei com a Simone e, hoje, moramos em Oliveira. Sou autor do livro *Cronicando*.

## **Reinventar a coragem**

O relógio, ainda vivo no cadáver do companheiro, martelava os vinte minutos de silêncio. Amarinhou por cima dos corpos pegajosos, pedaços de carne quente, resquícios de jovens alegrias de há um mês. No cimo da vala, avistou o outro lado. Da fronteira e da vida. A nobreza ou a deserção. A poucos metros, o buraco na rede, o celeiro bafiento do professor de História, o jardim da namorada. A memória da casa. Incorreto? Apertou uma irreconhecível mão decepada. “Prometo merecer cada batida do meu coração! Por nós!”. Esvaziou a mente do dilema e deu o seu salto no escuro. Um salto para a vida.

## **Paula Campos**



### **@anapaulahortacampos**

Nasci em Coimbra, Portugal, mas tenho os sonhos pelo mundo. Cedo me apaixonei pela leitura e pela escrita, pelo que fiz profissão destas vontades. Para além de ser professora de Português, dinamizo, há cerca de quatro anos, um clube de leitura e um de escrita online. Já organizei atividades literárias na Biblioteca Municipal de Coimbra e orientei tertúlias de poesia. Escrevo, regularmente, para jornais e revistas. E os sonhos sempre na leitura e na escrita.

## **Auto de resistência**

Subiu as escadarias carregando o prêmio. Lá, onde a água era levada a balde e os fios de luz serpenteavam clandestinos, encontraria o sorriso da mãe. Cruzou montanhas de descartado, córregos de esgoto, prados de sucata. Tinha pressa. Na voz masculina, a ameaça, o insulto e o teco. A sandália surrada escapou-lhe do pé feito pétala murcha. O chão se dissipou. Foi engolido por uma pilha de sonhos incompletos, abandonados em becos e vielas. O silêncio do corpo revelava a partida prematura. Nas mãos, o livro de poesias conquistado no desafio do repente; na camisa, a promessa tardia grafada em língua estrangeira: liberdade.

## **Raquel Castro**

\*texto publicado originalmente no livro *O Vendedor de Sofás* (Ed. Ipê Amarelo)



### **@leiturasfelinas**

Sou mestre em Letras, amante de livros, gatos, plantas e música. Meu romance, *À hora dos cachorros* (Ed. Caravana), saiu no fim de 2023. Na literatura, busco explorar os dramas do ser humano comum no mundo contemporâneo, tendo como foco a metrópole, o trabalho e as relações familiares. Participo do Sarau Poesia Andarilha, sob coordenação de Ninfa Parreiras. Como professora, desenvolvo projetos de mediação de leitura e escrita afetivas.

## **Amor em pedaços**

Perguntou ao pai para onde vão as pessoas quando morrem. Não queria acreditar que o fim fosse o fim. Imaginava sempre que haveria de ter um depois do depois. O pai lhe disse, então, que as pessoas viram poeira. Que estarão por aí, em toda a parte, dispersas no ar.

Numa manhã de inverno, lembrou-se de sacudir o cobertor e pegar o pote antigo de maionese da mãe. Abriu com cuidado a tampa alaranjada e guardou lá dentro a avó.

Para sempre.

## **Maíra Ramos**

\*texto publicado originalmente no livro *O Vendedor de Sofás* (Ed. Ipê Amarelo)



### **@mai\_fonseca\_ramos**

Sou mãe, escritora em eterna formação e admiradora do céu nos fins de tarde. Também formada em direito e mestra em literatura, gosto de me aventurar pelo mundo mágico do “Era uma vez”. Já publiquei cinco livros para a infância sem nunca me esquecer da criança que um dia fui. É para ela que sigo escrevendo. Para saber mais um pouco sobre mim, vem me visitar no Instagram.

# Uma escritora sem livro

Eu, que sonhava ser escritora, hoje sou. Na verdade, sempre fui. Era uma escritora sem livro

A maternidade me abriu um portal: autora de livros infantis. Eu, que sempre amei literatura, mas nunca me imaginei escrevendo para crianças.

Quando descobri a gagueira da minha filha, a Raquel estudiosa, pesquisadora e curiosa ressurgiu como uma fênix! Leitura, perguntas, pesquisa, tudo que me fizesse entender melhor esse distúrbio. Me peguei pensando em como deixar claro que sua diferença no jeito de falar não a impediria de ser tantas outras coisas.

Uma história poderia ser a forma lúdica para abordar esse assunto. Então, escrevi um texto que, à princípio, era pra ser lido somente para ela. Em 2021, "A cidade do amor em dobro" virou livro. Para minha filha, é verdade, mas também para todas as crianças e famílias que lidam com algum distúrbio de fala. Uma história sobre gagueira, sobre singularidades, mas também sobre amizade e, acima de tudo, sobre amor e respeito às diferenças. Minha celebração às infâncias!

Da diferença da minha filha nasceu em mim a certeza de que ela tinha tantas histórias e tanto amor dentro dela, que falar uma única vez era pouco. Hoje eu sou mãe, pedagoga, universitária e escritora. Sou autora publicada.

*Escrever não é cômodo. Ou pelo menos não é SÓ isso. Escrever é sangrar. É se expor. É parcialidade (pelo menos acredito que deveria ser). É militância. É ato político (às vezes, quase subversivo). É informar. Entreter. É fazer companhia a pessoas que nem conhecem a sua voz. É dividir conquistas, alegrias e medos. Escrever é o que me faz crescer, sem mudar número de manequim.*

Meu livro me permite abraçar pessoas sem precisar estar perto.

Vou longe sem sair do lugar. Crio minha filha para o mundo. E meu livro também. A primeira, de muitas realizações.

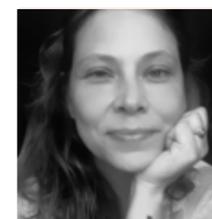
Não a filha. O livro.



**A cidade do amor em dobro**  
texto: Raquel Cesário  
Ilustrações: Gabriel Sozzi  
Editora InVerso



**Falar não é igual para todos**  
texto: Raquel Cesário  
Ilustrações: Isis Sarlo  
Editora Asinha



## Raquel Cesário

Sou pedagoga, acadêmica de Fonoaudiologia e mãe de uma criança que gagueja. Por ela, me tornei autora de livros infantis. Sou também admiradora confessa do céu e das baleias. O que não sou é mulher de raízes, e, sim, de asas. Asas próprias. Escrevo no Instagram @raquel\_cesario. Vai ser muito legal te receber por lá.

# É preciso ver para ler

## Tecendo linhas sobre a mediação do livro-imagem



"Tia, esse livro não tem palavras e é a gente que vai contando a história, né?" minha aluna Luisa conseguiu, do alto dos seus seis anos, captar a essência da leitura de uma narrativa visual, um livro-imagem.

O livro a que ela se refere é *Linhas*, de Suzy Lee, lançado pela Companhia das Letrinhas, cuja leitura mediei em uma das nossas aulas de Literatura.

Muitas vezes, encontramos uma certa resistência de pais e professores para oferecer às crianças (ou mesmo ler!) um "livro sem texto escrito". São muitas as questões: Como ler um livro sem palavras? O que eu vou contar? E se elas não se interessarem? Como saber se elas "entenderam o que a autora quis mostrar"? Elas vão querer falar o tempo todo, vai ser uma bagunça...

A leitura do livro-imagem pressupõe habilidades diferentes da leitura do texto escrito. É preciso perceber que tudo conta numa narrativa visual: cor, forma, movimento, sonoridade, espaço(s)... e, sim: é preciso (re)aprender a ver!

Sou professora há 38 anos e tenho percebido uma gradual desconexão da relação das crianças com o desenho, no espaço da escola. Crianças maiores têm conteúdos a cumprir, provas e avaliações que, tantas vezes, deixam de lado a dimensão lúdica e estética. A arte passa a ser uma das disciplinas, normalmente de 50 minutos semanais, e apenas nes-

sas aulas é que se abre espaço para a (nem sempre!) livre expressão. Desenhar seria para os pequenos, da Educação Infantil. É fundamental (re)pensarmos uma alfabetização visual, para ampliar os sentidos da leitura para além da palavra – e assim, poder ler o mundo!

Voltando ao objeto Livro, *Linhas* é um deslumbre de imagens que, alinhavadas à nossa percepção, tecem uma narrativa surpreendente. E a mediação estabelece uma conexão direta com o repertório prévio de cada leitor e leitora.

"Olha, tia, a menina patinou letras musicais!"

Os movimentos da personagem que, de fato, lembram notas musicais despertaram nas crianças esse olhar, que vai além do que está à vista. Ao ver (e ler) o movimento dos patins no gelo como letras musicais, o grupo foi se apropriando de mais uma das muitas camadas que a narrativa visual oferece.

E Suzy Lee trabalha esses intertextos de forma magistral! Além do *Linhas*, vale conhecer também a trilogia *Espelho*, *Onda* e *Sombra* (todos editados pela mesma Companhia das Letrinhas). Corre lá. Deixe-se levar por essa autora que traça no papel uma história em muitas! Ou seriam muitas histórias em uma?

É preciso mesmo ver para ler!



**Espelho**  
Suzy Lee  
Companhia das Letrinhas



**Sombra**  
Suzy Lee  
Companhia das Letrinhas



**Onda**  
Suzy Lee  
Companhia das Letrinhas



### Cristina Ferreira

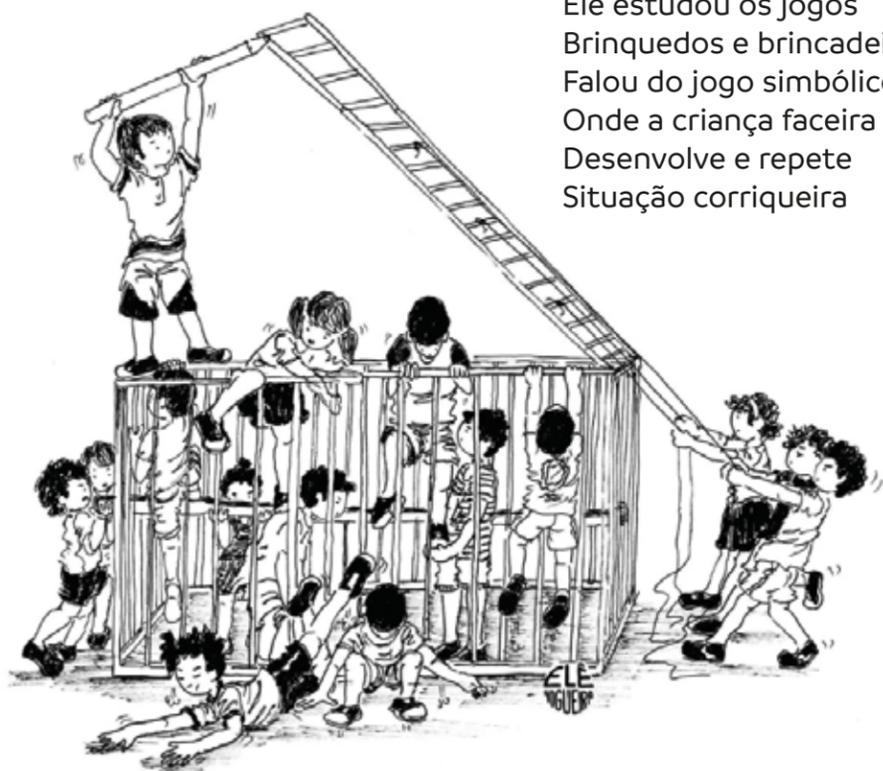
Sou professora apaixonada há 38 anos e sempre fiz da Literatura meu ponto de tecer encontros dentro e fora da sala de aula. Sou especialista no Livro para a Infância pela Casa Tombada, SP, e também faço parte da Oficina Literária da Anna Cláudia Ramos, desde 2021, quando passei também a escrever as minhas histórias! No meu perfil do instagram @crismarquesferreira eu compartilho histórias, resenhas e muito bate-papo sobre leituras. Vou adorar te receber por lá!

# Jogos e Brinquedos

A infância é um tempo  
Muito lindo e passageiro  
Tudo é fase. Tudo vai  
Não volta, nem por dinheiro  
E por isso aproveite  
Pois passa muito ligeiro

Piaget, esse período  
Estudou com devoção  
Descobriu que no brincar  
Se elabora emoção  
E que a criança que brinca  
Vive com satisfação

Ele estudou os jogos  
Brinquedos e brincadeiras  
Falou do jogo simbólico  
Onde a criança faz  
Desenvolve e repete  
Situação corriqueira



No jogo do faz de conta  
A criança elabora  
Aquilo que ela viveu  
E aprende sem ter demora  
A ser um adulto melhor  
Brincando a toda hora

Disse também que existe  
o jogo do exercício  
Correr, pular, jogar bola  
pra ela não é suplício  
Isso prepara o seu corpo  
Não exige sacrifício

Também nos jogos de regras  
A criança se prepara  
Pra viver em sociedade  
E as normas ela encara  
Se aprende a respeitá-las  
Nunca delas se separa

No jogo da construção  
Todo mundo vai treinar  
As muitas habilidades  
Pra poder elaborar  
E mexer com a cabeça  
Pra fazê-la então criar



Massa, areia e papel  
Colocadas em sua mão  
Vão lhe permitir ousar  
Também fazer construção  
Daquilo que a cabeça  
Migrou para o coração

Pai e mãe, vovó, vovô  
Tio, tia e vizinhos  
Professores, por favor  
Pensem nisso com carinho  
Permitam que as crianças  
Brinquem com seus amiguinhos.



## Ilustrações: Elê Nogueira

Cursei História da Arte (UERJ), Artes Plásticas (UFRJ), Licenciatura em Ed. Artística (Bennet) e Design Gráfico Digital (Senac). Sou carioca, mas meu coração se enche de felicidade em saber que meus trabalhos estão espalhados por esse mundo. Dezenove das minhas telas fazem parte do acervo permanente do Banco Mundial, em Washington – DC. Para mim, o desenho é uma das mais lindas formas de linguagem e expressão. Você pode ver alguns dos meus trabalhos nos perfis @poesiaco-ladacomigo e @favelinhavertical.



## Texto: Erica Montenegro de Melo

Sou pedagoga, mestra em Linguagem e especialista em Literatura infantojuvenil. Escritora e consultora literária, mediadora de leitura, contadora de histórias e cordelista, vivo imersa na literatura. Pesquisei as camadas da literatura e escrevi para as infâncias em 8 livros e dezenas de folhetos de cordel. Participei de coletâneas com poemas e contos para públicos diversos. No perfil @encantodoconto discuto processos de formação de leitores e compartilho a rotina de uma biblioteca escolar no Recife.

Quando ficamos presas em casa, em 2020, durante a pandemia, comecei a criar – junto com Kelly Orasi, Vivian Catenacci e Fátima Rocha – uma série de conteúdos, cursos e encontros online. Nosso desejo era refletir sobre o tempo presente, nos fortalecer e nos apoiar por meio das histórias, em especial, de contos tradicionais de diversas culturas.

Em meados de 2021, surgiu a oportunidade de termos nossa própria plataforma online. Assim nasceu a ideia do Portal: um espaço virtual para divulgar uma programação variada sobre a arte de contar histórias. Inauguramos em abril de 2022, com foco nos diferentes cursos, ministrados por nós ou convidados(as), além de abrigar a programação on-line do nosso parceiro ECOH – Encontro de Contadores de Histórias de Londrina.

Aos poucos percebemos que o Portal tinha vocação para oferecer mais do que ensino à distância. Poderia ser um espaço de compartilhamento de conteúdo, para congrega pessoas interessadas na contação de histórias. Assim, nosso foco passou a ser o de criar uma comunidade em torno do Portal para refletir, aprofundar e partilhar ideias sobre nosso fazer artístico.

Criamos o "Papo no Portal", que já teve 10 edições transmitidas mensalmente no nosso canal do Youtube (<https://www.youtube.com/@portaldashistorias0422>), sempre com a presença de um(a) artista e/ou estudioso(a) convidado. O acesso a toda programação fica disponível também no Portal.

Desenvolvemos nossa biblioteca temática digital para promover livros autorizados a serem disponibilizados gratuitamente e, numa parceria com A Casa Tombada e a Casa da História, abrigamos o ciclo Sobre o Ofício de Contar Histórias, onde reunimos vários(as) artistas desta linguagem para discutir temas fundamentais. Os encontros deram origem a um texto, que será disponibilizado em nossa biblioteca e divulgado nas redes em breve.

# Portal das histórias

Outra ação que faz meu coração bater mais forte é a série de cursos "Mergulho na História". Criado por mim, a princípio com a intenção analisar, refletir, investigar e conectar contos tradicionais com o tempo presente, o projeto cresceu e deu origem ao livro "Mergulho na História - BarbAzul", que, confesso, espero que seja o primeiro de uma coleção linda. O mergulho está de volta ao Portal, agora com direito ao livro, que também está à venda avulsamente por lá.

Nosso sonho é ter toda a programação gratuita e ampliá-la cada vez mais. Para isso estamos buscando apoio através de editais, parcerias e contribuições voluntárias. Esta é nossa meta! Vamos adorar a sua visita. O endereço é muito fácil:

[portaldashistorias.com.br](http://portaldashistorias.com.br)

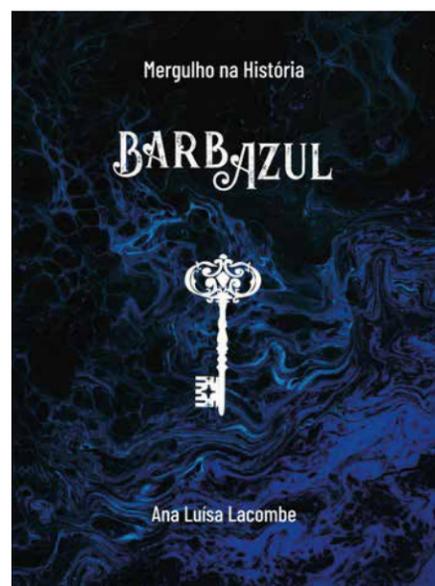


Foto: Chico Lima



## Ana Luisa Lacombe

Sou atriz, contadora de histórias, figurinista, escritora e professora. Graduada em Artes Visuais, com Pós em Narração Artística em Contexto Urbano e Literatura Brasileira. Atuo desde 1981, mas foi a partir de 2002 que dei início à pesquisa dos contos tradicionais e da arte de narrar de histórias associando-a ao teatro. Em 2003 criei a minha Cia Teatral Faz e Conta. Entre os livros que escrevi estão "A Árvore de Tamoromu" e "Mergulho na História - BarbAzul". Você pode conhecer mais sobre meu trabalho no site: [www.fazeconta.art.br](http://www.fazeconta.art.br).

# É nos detalhes que mora o amor

Foi preciso uma pandemia para eu me reconectar com minha casa e a vista da janela. Comecei a perceber o canto dos pássaros. Aprendi a diferenciar os convites para conversas que vinham dos tucanos, das maritacas, dos bem-te-vis...

Junto com a amplitude de percepção, veio uma nova perspectiva. Abri meus armários e comecei a usar minhas louças “de festa” para fazer as refeições cotidianas.

Não sabia quanto tempo ainda teria minha família reunida, então, fazia de tudo para valorizar o tempo presente e ver se o medo do futuro diminuía (pelo menos um pouco!). Uma vez por semana, me armava de máscara e álcool em gel e saía para comprar flores. Cada vez escolhia um tipo diferente para encher a casa com uma nova cor. Assim, renovava minhas esperanças por dias melhores.

Além das flores comprei muitos livros. Precisava alimentar minha alma. Devorava livros infantis, de arte, de poesia e romances. Entre uma história e outra, fazia bolos e colagens. Comecei a encher cadernos com recortes aleatórios de revistas, imagens que tocavam o meu cora-

ção. Acho que foi a forma que encontrei de continuar projetando sonhos, naquele momento em que o amanhã era tão incerto.

O isolamento acabou e deixou em mim esse olhar refinado. Como se eu tivesse vestido meus olhos com lentes que tornam as cores mais vivas.

Percebi que a beleza está nas nuances.

Querer encontrar o belo virou uma meta nas minhas andanças. Hoje, se tenho uma consulta médica em um determinado bairro, pesquiso o que tem de legal por perto para conhecer. E a obrigação vira um prazer!

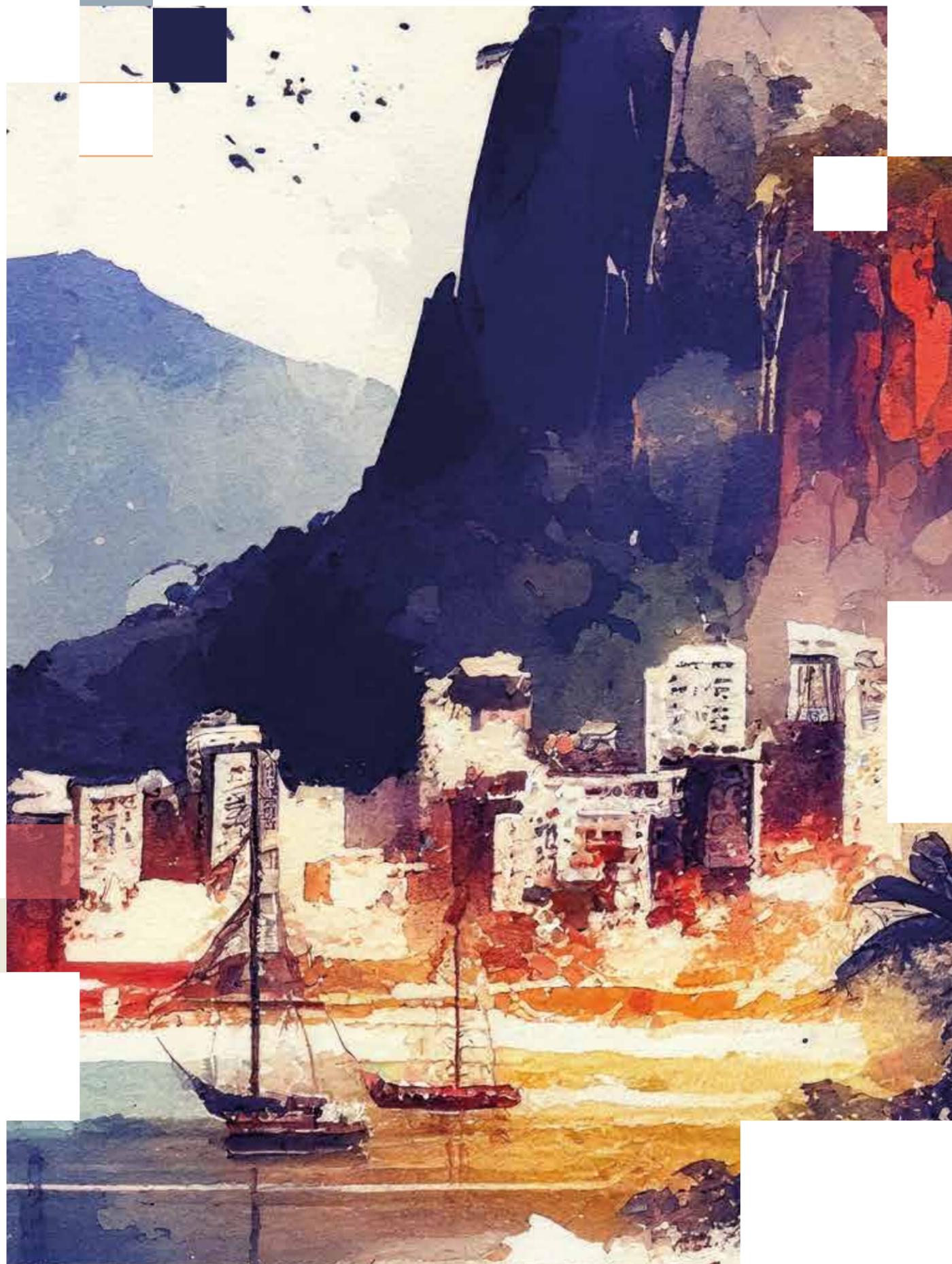
Depois de ter mudado de atitude, parece que vivo em uma cidade muito diferente, cheia de coisas lindas para ver. Sou carioca e sempre morei no Rio de Janeiro. Mas agora saio de casa com olhar de turista. Me pego observando uma flor, o mar, o pôr do sol, uma folha caída no chão. E sorrio sempre que me dou conta que eles sempre estiveram lá. Eu é que olhava, mas não via.

É nos detalhes que mora o amor!



**Fernanda Godinho**

Sou mãe de três, escritora, professora e colecionadora de museus. Nasci no Rio, mas me sinto à vontade em qualquer lugar. Sou coautora da coleção *A turma da Horta Viva* (Ed. Ziti) e participei da antologia *Quantas Portas Cabem numa Porta* (Ed. Casa do Lobo). Além de literatura, amo a natureza e todas as formas de arte. Depois que me aposentei das salas de aula, comecei a trabalhar com formação de professores e tenho dedicado ainda mais meu olhar para registrar minhas andanças no perfil @portinhola.s



# letramiúda

Para quem gosta de ler nas entrelinhas

## EXPEDIENTE:

Letra Miúda

Para quem gosta de ler nas entrelinhas

Nº. 3 – abril 24

[www.letراميуда.com.br](http://www.letراميуда.com.br)

Instagram: @letراميುದarevista

e-mail:letراميುದarevista@gmail.com

## EDITORAS:

Fernanda Baroni

Natália Fonseca

## PROJETO EDITORIAL:

Fernanda Baroni

## PROJETO GRÁFICO e DIREÇÃO DE ARTE:

Jeff Barros

## DIAGRAMAÇÃO:

Packaging Comunicação

## REVISÃO:

Natália Fonseca

## ILUSTRAÇÕES:

Coletivo @Ilustradoressaoautores – pág.6 e 7

Luana Baroni de Barros - pág.11

Fer Rodrigues - capa e pág 19

Elê Nogueira - pág.20, 42 e 43

Janaína Esmeraldo - pág. 29

## COLUNISTAS:

Bárbara Anaissi

Cristina Ferreira

Dayane Teixeira

Erica Montenegro de Mélo

Erica Rabeljee

Fernanda Baroni

Fernanda Godinho

Graziela Honorato

Leila Fernanda Arruda

Nanda Guimarães

Natália Fonseca

Raquel Cesário

Suelen D'Andrade Viana

Verena Alberti

Viviane Lucas

## AUTORES CONVIDADOS:

Ana Luísa Lacombe

Cacá Silveira

Diogo Tadeu

Fabrcio Freire Gomes

Fer Rodrigues

Girlene Bulhões

Laura Vasques de Sousa

Maíra Ramos

Paula Campos

Pollianna Freire

Raquel Castro

Vamos continuar batendo papo sobre Literatura?  
Segue a gente no Instagram: @letراميುದarevista.